

3 Análise dos dados

Para que o texto fique claro, a análise dos dados está dividida em vocábulos e, dentro de cada seção, apresentam-se exemplos de uso encontrados nos corpora e analisam-se separadamente as ocorrências no português, no japonês e, então, comparativamente.

A apresentação dos exemplos se dá dentro de uma tabela que segue o seguinte modelo:

N.º	Fonte	Pág.	Situação	Frase	Observações
1	2	3	4	5	6

Explicando melhor cada uma das seis células da tabela acima, tem-se:

1. número do exemplo a ser utilizado no corpo da dissertação;
2. dados da fonte (simplificados). As referências bibliográficas completas das revistas utilizadas se encontram no capítulo de referências da dissertação;
3. página da revista;
4. explicação simplificada da situação em que se passa a cena, para que se possa fazer adequadamente a análise;
5. frase ou diálogo propriamente em que ocorre o uso do vocábulo em análise. No caso dos dados em japonês, a tradução para o português é nossa, mas o original se encontra no Anexo B;
6. explicações em que se enumeram os principais fatores relevantes para a análise, a saber: idade aproximada e sexo dos interagentes, grau de relacionamento entre eles ou, ainda, algum outro fator que parecesse pertinente.

Além disso, procura-se manter uma coerência na coluna 6, de maneira que sempre se cita primeiro a pessoa que chama e por último quem é chamado, exceto

quando o símbolo (#) for acrescentado à primeira pessoa, indicando neste caso que se trata de uma autorreferência.

Comentários sobre o uso de locuções, diminutivo, contrações e outras variações de forma e significado sofridas pelas formas de tratamento se encontram no corpo do texto.

Quanto à ordem de apresentação dos vocábulos de parentesco, será conforme a ordem decrescente de frequência geral (corpus português mais corpus japonês), a saber: irmãos, tios, filhos, avós, pais, cônjuges e netos.

3.1 Observação sobre a frequência de uso

Esta pesquisa pretende analisar qualitativamente os dados, conforme explicado na seção 2.4, metodologia, do capítulo anterior. Entretanto, pode-se observar que alguns dos vocábulos de parentesco são mais fáceis de serem encontrados que outros, e que alguns que não se esperavam encontrar também são utilizados.

Por esse motivo esta seção inclui um resumo sobre a frequência de cada vocábulo pesquisado nos corpora, sem com isso se pretender dar a esta dissertação um caráter quantitativo, nem afirmar que esses dados de frequência sejam suficientes para uma análise conclusiva sobre a frequência de uso desses vocábulos, seja na sociedade brasileira, seja na japonesa.

Quadro 1: Totais discriminados dos vocábulos

Exemplos	Em português		Em japonês		Total		Total Geral
	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	Masc.	Fem.	
tio	9	4	6	4	15	8	23
irmão	10	1	14	14	24	15	39
avô	0	1	6	10	6	11	17
filho	5	3	1	12	6	15	21
pai/mãe	0	0	2	4	2	4	6
marido/esposa	0	0	0	1	0	1	1
neto	0	0	1	0	1	0	1
<i>Total</i>	24	9	30	45	54	54	108

Quadro 2 e 3: Totais dos vocábulos encontrados

Valores absolutos			Valores percentuais			
Exemplos	Em português	Em japonês	Exemplos	Em português	Em japonês	Total
Masculino	24	30	Masculino	22%	28%	50%
Feminino	9	45	Feminino	8%	42%	50%
<i>Total</i>	33	75	Total	31%	69%	100%

3.2 Irmão & irmã

Os vocábulos *irmão* e *irmã* são bastante frequentes em ambos os corpora: são os tratamentos mais usuais em japonês e têm o segundo lugar em português, empatando com *filho(a)*.

3.2.1 No português

As formas de tratamento *irmão* e *irmã*, e suas variantes, com referência a pessoas que não o são de fato, são facilmente encontradas em ambos os corpora, embora com diferenças em seu uso. Os conceitos mais importantes para a análise dos casos em português são o de *casa* e *proximidade*, conforme discutidos no capítulo anterior (itens 2.3.2 e 2.3.3.2 respectivamente).

No Brasil, a palavra *irmão* – assim como seus sinônimos e derivados (e.g. *irmandade*, *fraterno*, *fraternidade*) – está à associada à ideia de “amigo íntimo e dedicado; companheiro inseparável” (IRMÃO, 2007. Cf. acepção 3). Por isso, frases como “Fulano é como um irmão para mim” são lugar-comum na sociedade brasileira e claro indicativo da carga sentimental que *irmão* possui. É uma palavra, então, que remete ao conceito de *proximidade* e, possivelmente, ao de *intimidade*.

Ainda assim, sozinha, a forma *irmã(o)* propriamente dita não tem nenhuma ocorrência no corpus brasileiro. A princípio, se poderia considerar isso estranho já que em todas as revistas utilizadas como fonte de pesquisa o enredo gira em torno de turmas de amigos, companheiros de aventuras, a quem definitivamente se poderia chamar de “quase irmãos”.

O fato de nenhum personagem chamar o outro de *irmã(o)*, então, pode ser sintomático de que essa palavra estaria ganhando, ultimamente, outro uso, o qual

viria conquistando mais espaço e força na sociedade brasileira. Uma suposição possível seria, então, que, com a expansão das novas igrejas pentecostais brasileiras nos últimos anos, chamar alguém de *irmã(o)* indicaria mais provavelmente que se trata de um “correligionário; sectário das mesmas doutrinas” (IRMÃO, 2007. Cf. acepção 4) do que de um grande amigo.

Não obstante esse aparente declínio, o uso de *irmão* como vocativo continua existindo, conforme registra, por exemplo, o **Dicionário Houaiss** (IRMÃO, 2007. Cf. acepção 6), em seu exemplo “o que é isso, *irmão*?”

Dessa maneira, é provável que atualmente quando uma pessoa quer demonstrar à outra considerá-la “como irmã(o)”, sem o sentido religioso, precisa decidir entre desistir dessa metáfora, apelando para enunciados mais elaborados, ou recorrer a uma das outras formas encontradas no corpus, como se vê a seguir.

1.	Mônica Jovem, n.1	35	Cascão pede à Maria Cebolinha que cuide de seu <i>skate</i> enquanto sai com Cebola.	– E você, mana... Cuida do meu possante até eu voltar! – Tá, “mano”! Ih! Ih! Ih!	Adolescente (homem) x criança (mulher). Cascão conhece Maria desde que ela nasceu e é o melhor amigo de seu irmão.
2.	Mônica Jovem, n.20	77	Cascão e Cebola discutem sobre a Realidade (vida real x HQs).	– Se liga, cabeção! Isto aqui [revista que está segurando] é um quadrinho! – É?? Isto aqui [aponta ao redor] é o que, mermão?	Adolescentes (homens), amigos de infância.
3.	Tina (especial), n.1	8	No aeroporto, Rolo e Tina tentam acalmar Carlão, que tem medo de avião.	Relaxa, brô! Viajar de avião é seguro!	Homens adultos (jovens), amigos há anos.
4.	Mônica Jovem, n.11	98-99	Cascão fala com homem encapuzado que o estava seguindo.	Hã... Então... Ô mano, vem cá... de boa, você não é muito bom nesse lance de seguir os outros, né?	Adolescente (homem) x homem desconhecido (?)

Primeiramente, é interessante reparar no uso dessas três formas – *mermão*, *brô* e *mano* – e também no de formas variantes, as quais se comentam abaixo.

Todas essas formas são usadas apenas por pessoas jovens, homens e com relação a amigos de longa data, à exceção de *mano* em (1). Essas expressões podem, então, ser consideradas como pertencentes a dialetos sociais, sendo utilizadas apenas dentro de certos grupos que as adotam conforme a moda da época ou do local (cf. SANTOS, 2003). Isso explica também porque praticamente não ocorrem os equivalentes femininos (só há um *mana* no corpus), uma vez que seu uso é mais restrito ao interior desses grupos de homens.

Note-se, por exemplo, como, em (1), Maria Cebolinha chama Cascão de *mano*, mas usa a expressão entre aspas e, em seguida, ri. Ou seja, aparentemente Maria percebe que esse tipo de tratamento costuma ser usado somente por homens, estando apenas brincando de imitar Cascão.

Em (2), vê-se a forma *mermão* que é derivada do sintagma nominal *meu irmão*, no qual o pronome possessivo *meu* age para diferenciar melhor esse tipo de *irmão* do fiel religioso. Pode-se afirmar que, nesse caso, *meu* faz toda a diferença e que a locução *meu irmão* se cristalizou na língua com esse sentido de “companheiro, amigo” justamente pelo fato de, inclusive, já ter sofrido um processo de aglutinação, sendo escrita eventualmente como uma única palavra.

Outro possível exemplo da cristalização dessa expressão pode ser visto abaixo:

5.	Trapalhões, n.45	24	Dois assaltantes conversavam sobre o sucesso de seu plano e, então, brigam (um se irrita com o outro porque esse sempre lhe repete o fim das frases).	– Ei, para de me imitá, ô meu!	Homens (adultos), amigos (ou, ao menos, colegas de “trabalho”).
----	---------------------	----	---	--------------------------------	---

Em (5), vê-se como um homem chama seu companheiro de *meu* apenas, numa expressão que possivelmente advém da transformação *meu irmão* > *meu*, fazendo do pronome um vocativo e deixando subentendido o substantivo *irmão*¹⁷. Isso não significa, contudo, que *meu irmão* (grafado e pronunciado dessa forma) não seja mais utilizado, mas não se encontram exemplos desse tipo no corpus.

¹⁷ Similarmente ao que ocorre, por exemplo, com a interjeição *Nossa!*, provavelmente derivada do sintagma “Nossa Senhora (mãe de Deus)”.

Além disso, acredita-se que, independente de ser usado no sentido religioso ou de amizade, o uso de *irmã(o)* indica *proximidade* (ou tentativa de gerá-la) entre os interlocutores, assim como aponta para um movimento no sentido da *casa*, criando ou reforçando laços afetivos com quem deveria pertencer à *rua*, conforme e discutido anteriormente (cf. 2.3.2). Por isso, acredita-se também que a soma do pronome *meu* reforça esse movimento, uma vez que esse pronome age aproximando ainda mais falante e ouvinte por ser relativo à 1ª pessoa e por seu sentido intrínseco de posse.¹⁸

Em (3), vê-se outra forma: *brô*, contração do inglês *brother*, o equivalente a *irmão* nessa língua. O sentido de *brother* parece ter sido transportado sem alterações para o português, ocorrendo uma total equivalência entre *brother* e *irmão*, de modo que não é raro se ouvir o uso de *brother* em certos dialetos sociais e até, inclusive, da expressão *my brother*. Ainda que não se tenham exemplos desses últimos usos no corpus brasileiro, muitas músicas de artistas de pop/rock brasileiros usam essa expressão, como, por exemplo, “Retrato de um playboy”, de Gabriel O Pensador¹⁹, “Rodo cotidiano”, d’O Rappa, “Quem tem seda?”, do Planet Hemp, e até uma cujo próprio nome é “My brother”, do Jota Quest.

Em (1) e em (4), vê-se o uso de *mano* e *mana*, formas as quais são, possivelmente, contrações de *hermano* e *hermana*, respectivamente (MANO, 2007) – isto é, o equivalente no espanhol a *irmão* e *irmã*. Novamente a transposição em termos de sentido parece ter sido total, mas não se encontram exemplos dentro (ou fora) do corpus das formas **hermano* ou **mi (her)mano* sendo usadas no Brasil, como ocorre com *brother*. Isso talvez se explique pelo fato de a língua inglesa ter mais influência e aceitação entre jovens brasileiros que o espanhol.

O exemplo (4) também salta aos olhos porque Cascão aparentemente chama um homem desconhecido de *mano*, mas, como mostra o quadrinho seguinte, ele pensava que o homem era na verdade seu amigo Dudu disfarçado. Nem por isso, é possível se afirmar que não se usa *mano* para desconhecidos absolutamente, embora esse tipo de exemplo não esteja registrado no corpus.

No corpus brasileiro, também se vê o uso de *mano* abaixo:

¹⁸ Cf. também o caso de *(meu) filho*, neste trabalho, na subseção 3.2.1

¹⁹ A letra dessa música oferece, inclusive, um exemplo de uso para a expressão “meu irmão”, a qual também faltou no corpus.

6.	Mônica Jovem, n.11	69	Cascão “conversa” com a TV.	Leonardo Nemoi?! De verdade?! Serinho mesmo?! Mano, não dá pra perder essa! Eu faço qualquer coisa que...	Adolescente (homem), falando consigo mesmo.
7.	Mônica Jovem, n.11	61	Dudu fala sozinho.	Mano... Preciso falar com o Cascão, depois dessa!	Adolescente (homem), falando consigo mesmo.

Como se percebe, nesses exemplos, o locutor fala sozinho, de forma que *mano*, embora vocativo, perde seu caráter fático e se aproxima da classe das interjeições. Não é possível dizer, então, que, nestes dois últimos casos, haja *proximidade* ou movimento no sentido da *casa*.

3.2.2 No japonês

Em japonês, o uso de *irmã(o)* ocorre basicamente de duas maneiras, ambas as quais, porém, diferem em muito do português. Os conceitos mais relevantes são o de *hierarquia* (especialmente com base etária) e o de *formalidade*.

Antes de partir para os exemplos e sua análise, é preciso explicar que há quatro palavras mais comuns para se falar com irmãos na língua japonesa: *onii-san* (irmão mais velho), *otōto-san* (irmão mais novo), *onē-san* (irmã mais velha) e *imōto-san* (irmã mais nova). Sendo assim, para diferenciar essas formas em português, marcam-se com (+) os irmãos mais velhos e com (-) os mais novos.

A primeira situação em que se vê o uso de *irmã(o)* no corpus japonês é como vocativo, para chamar desconhecidos na rua, num formato bem parecido com o uso de *moço(a)* no Brasil:

8.	Samurai Deeper Kyō, n. 2	71	Menino de rua pede esmola para Kyō.	*Irmãozinho+, pode me dar algo?	Criança (homem) x homem (adulto jovem). Desconhecidos na rua.
9.	X, n.1	182	Rapaz tem sua atenção chamada por outro homem e começam a conversar.	Quem é você, *irmãozinho+?	Homem (adolescente) x homem (jovem adulto). Desconhecidos na rua.

Acima, então, vê-se o vocábulo ser usado por pessoas de ambos os sexos e idades diversas como vocativo para adultos jovens, porém mais velhos que os falantes. Poder-se-ia supor, então, que esse uso seja explicado por uma correlação feita entre a própria idade e a de alguém (um desconhecido) que tivesse idade suficiente para ser seu irmão, como, por exemplo, no caso abaixo:

10.	Yamada Tarō, n.2	8	Tarō conversa com seus irmãos sobre o lanche que ganharam de uma colega de classe do primeiro.	Hein, irmão, será que você vai ganhar algo daquela *irmãzinha+ que deu os sonhos?	Criança (mulher) x adolescente (mulher), amiga do irmão mais velho
-----	---------------------	---	--	---	--

Como os irmãos mais novos de Tarō estão falando de uma colega de classe dele, é possível pensar inclusive que tenham escolhido essa forma por analogia, igualando-a em idade a seu próprio irmão. Também pelo exemplo (10), vê-se que *irmã(o)* não serve apenas como vocativo, podendo surgir dentro do enunciado (cf. item 2.2 do capítulo anterior), como núcleo de sintagma nominal. Logo, em situações em que se conversa a respeito de desconhecidos é possível usar essa forma de tratamento para se referir a terceiros (ausentes ou presentes).

Além disso, observando outros exemplos, vê-se que a hipótese supracitada de analogia etária não poderia explicar os demais casos encontrados.

11.	Samurai Deeper Kyō, n. 1	129	Prostituta se oferece para Kyō.	Mas que *irmão+ lindo! Vem brincar com a Yuki...!	Mulher adulta x homem adulto (ambos jovens). Desconhecidos na rua.
12.	Yamada Tarō, n.1	120	Trabalhadores de obra veem jovem espiando o local e vêm perguntar-lhe o porquê.	Ei, *irmãzinha+, o que você quer aqui?	Homens (adultos) x mulher (adolescente) desconhecida.

Em (11), há mais um caso de uma pessoa chamando um estranho na rua. O homem é, de fato, jovem, porém a mulher que o chama de *irmão+* é, na verdade, mais velha que ele. O mesmo ocorre no exemplo (12), sendo que, dessa vez, a pessoa chamada de *irmã+* nem mesmo é adulta, mas sim uma adolescente, bem mais jovem que o falante. Em (10), a referida também não era adulta, mas, pelo menos, era mais velha que a falante.

As ocorrências de *irmã(o)* para adolescentes se mostraram bem comuns:

13.	Fruits Basket, n.4	28	Na escola, Hatsumaru discute com o representante dos alunos. Para provar seu ponto, pergunta a opinião de uma das meninas que assistia à discussão.	Ei, *irmãzinha+, o que você acha? Você não acha, por exemplo, que o Momiji tá bem vestido daquele jeito?	Homem adolescente (Hatsumaru, 15 anos) x aluna (menina, entre 15 e 18 anos).
14.	X, n.1	480	Rapaz fala sozinho sobre acontecimentos presenciados.	Quando finalmente pensei tê-los alcançado, o prédio foi destruído e apareceu uma *irmãzinha+ estranha que tirava uma espada da mão.	Homem adolescente x mulher adolescente (mesma idade) (desconhecidos).

Notadamente em (13) e (14) acima, vê-se que a diferença de idade entre falante e referido é muito pequena (três anos no máximo) ou inexistente.²⁰

Por fim, há o outro extremo, isto é, adultos mais velhos se referindo a adultos mais novos como *irmã(o)+*, conforme abaixo:

15.	Tsubasa, n.1	135	Homem dá explicação a grupo de viajantes recém-chegados.	Por enquanto, *irmãozinhos+, diria que vocês deram muita sorte.	Homem (jovem adulto) x Homens (dois adultos, um adolescente), que acabam de se conhecer.
-----	--------------	-----	--	---	--

²⁰ Mais adiante (subseção 3.4.2), retomar-se-á o exemplo (14) para compará-lo com o uso de *filha* por pessoas de mesma idade.

16.	Samurai Deeper Kyō, n.1	162	Homens da cidade conversam com Yuya e Okuni (mulheres), sobre como esta escapou de um bando de malfeitores.	– *Irmãzinha+!! Você se deu bem! Eles são fortes demais até para nós!	Homens (adultos, meia-idade?) x Okuni (mulher, adulta jovem). Desconhecidos.
-----	-------------------------	-----	---	--	--

Na verdade, em (15), existe um adolescente no grupo de *irmãos+*, mas acredita-se ser improvável que ele fosse a pessoa escolhida como representante de todos (e, portanto, o motivo para escolha do tratamento), uma vez que, no Japão, a manutenção da *hierarquia* é muito valorizada e quanto mais velho, mais alto na hierarquia social se fica, conforme discutido no capítulo anterior (itens 2.3.4 e 2.3.5). Ou seja, como o mais velho do grupo aparenta ter a mesma idade ou ser pouco mais novo que o locutor – e, portanto, deve ser ele o parâmetro – é como se um adulto chamasse outro adulto (mais novo) de *irmão+*.

Conforme analisado até aqui, então, a primeira maneira de se usar *irmã(o)* na sociedade japonesa é como vocativo ou em substituição a pronomes de 2ª ou 3ª pessoa para referir-se a pessoas cujo nome não se sabe, independente de ela ser mais velha ou mais nova que o falante – mas desde que essa pessoa seja ainda jovem (adultos com menos de 30 anos, provavelmente). Lembrando que a *hierarquia* social japonesa é parcialmente baseada na idade das pessoas, pode-se concluir que esse uso quase indiscriminado de *irmã(o)+* parece, portanto, servir para sublinhar a faixa etária (jovem) em que se encontra o referido, sem, contudo, “rebaixá-lo” a *irmão-*. Também não se vê nas situações acima uma tentativa de *proximidade* pelo uso desse vocábulo, do modo que se conclui que ele garante a manutenção de um respeitoso *distanciamento* (cf. item 2.3.3.2.1) entre as partes.

Há, porém, outro tipo de situação em que se utiliza *irmã(o)* em japonês.

17.	Yamada Tarō, n.3	146-147	Fukuda-kun vai participar de gincana junto com Tarō (irmão de seu amigo).	Vou correr junto com o *honorável irmão+...!? Mama! Filme direito minha linda imagem com o *honorável irmão!	Criança x adolescente, irmão do colega. Ambos homens.
-----	------------------	---------	---	---	---

18.	Yamada Tarō, n.3	139	A Sr. ^a Fukuda convida Tarō para o piquenique.	Bem, venha comer conosco, *irmãozinho+.	Mulher (adulta) x adolescente, irmão do colega de seu filho.
19.	Tsubasa, n.1	134	Homem dá explicação a grupo de viajantes recém- chegados.	Guardei isto pra aquela *irmãzinha+ bruxa.	Homem, jovem, adulto x mulher adulta (mera conhecida) x homens (dois adultos, um adolescente), que acabam de se conhecer.
20.	X, n.1	84	Médica da escola recomenda irmã mais nova (que passou mal) ao irmão mais velho.	Mais do que nunca, leve sua irmã para casa com cuidado, *irmãozinho+.	Médica (mulher adulta) x aluno (adolescente)

Nos casos acima, vê-se que o locutor se refere por *irmã(o)+* a alguém conhecido, quer dizer, o falante prefere não nomear o referido embora saiba seu nome.

Conforme supramencionado, na língua japonesa, é comum usar o nome de uma pessoa em substituição aos pronomes pessoais (retos e oblíquos) e possessivos. Logo, quando não se sabe o nome da pessoa, como visto no primeiro tipo de uso de *irmã(o)*, uma opção fácil é usar um título ou uma forma de tratamento em substituição ao nome. Aqui, contudo, vê-se que a opção pela forma de tratamento *irmão+* é feita, mesmo quando se sabe o nome da pessoa referida.

Pode-se supor que, no caso do menino Fukuda, em (17), a escolha é baseada no fato de o falante desejar ter um irmão como Tarō. Similarmente, a médica da escola parece querer reforçar o papel do irmão mais velho para com a irmã mais nova, doente.

No entanto, no caso da Sr.^a Fukuda, em (18), e do homem, em (19), não fica tão claro o porquê da opção. Talvez o relacionamento seja tão insípido que, por fim, os falantes prefiram tratar seus referidos como desconhecidos por completo. Especificamente quanto a (19), pode ser que esse seja um hábito mais generalizado em Osaka (cujo dialeto é empregado pelo falante), ou então que o falante tenha adotado esse tratamento por saber que seus interlocutores não conhecem bem a referida *irmã+*.

De fato, encontram-se alguns casos de autorreferência em que esta última hipótese parece ser a lógica aplicada.

21.	Samurai Deeper Kyō, n.1	38	Kyō tenta convencer as crianças da vila de que ele e a Yuya são “do bem”.	Vocês ainda estão desconfiados de que os *irmãozinhos+ aqui somos maus?	Kyō (homem, adulto jovem) e Yuya (mulher, adolescente) [#] x crianças.
22.	Samurai Deeper Kyō, n.1	55	Yuya tenta acalmar criança frente ao grupo de malfeitores.	Está tudo bem! Deixa que a *irmãzinha+ vai cuidar deles!	Mulher (adolescente) [#] x criança

Nos casos acima, então, vê-se como Kyō autodenomina a si mesmo e a Yuya de *irmãos+* (em substituição ao pronome *nós*) e, no caso seguinte, como Yuya também se chama de *irmã+* ao falar com as crianças. Os vocábulos *irmã(o)s+* substituem, então, pronomes de tratamento de 1ª pessoa.

Sobre o porquê da substituição do pronome especificamente por *irmã(o)* – em vez de outro título ou seus nomes, por exemplo –, várias interpretações são possíveis: eles podem falar assim porque as crianças não os conhecem, mas também pode ser porque estão falando com crianças – da mesma forma que pais chamam a si próprios *papai* ou *mamãe* quando falam com seus filhos²¹. Na verdade, Kyō e Yuya mesmo não se conheciam muito bem ainda, tendo se encontrado pela primeira vez poucas horas antes da cena (21) acima.

Novamente, como dentro dos padrões da sociedade japonesa afirmar-se como mais velho através da forma *irmã(o)+* pode ser visto como algo positivo (valorizando a *hierarquia*), ao aplicar esse vocábulo a alguém que não é próximo de si, o locutor tanto garante certo status de mais velho ao referido, como também faz uso de uma forma que pode ser considerada afetuosa (segundo os informantes consultados), mas que não chega a implicar *proximidade* (nem tenta de trazer o ouvinte para a *casa* do falante).

Além disso, vê-se também que a idade do locutor pouco importa em comparação à do referido – analogamente ao primeiro tipo de uso de *irmã(o)*

²¹ Cf. a seção 3.6 neste trabalho, relativa a esses termos.

estudado em japonês –, sendo a restrição apenas quanto à idade máxima do referido (adultos até 30 anos, provavelmente).

Outro detalhe sobre o uso de *irmã(o)* em japonês é a predominância dessas formas no diminutivo (i.e. com o sufixo *-chan* substituindo *-san*) na maioria dos exemplos. Atente-se para o fato de que, mesmo indicando diminutivo, o uso de *-chan* soma mais *respeito* ao referido do que a ausência de um sufixo, conforme discutido no item 2.3.5 dos pressupostos teóricos.

Exceções a essa observação são o caso (49), em que o menino Fukuda expressa sua admiração por Tarō chamando-o de “honorável”, isto é, *onii-sama*, e o caso da prostituta buscando cliente, em (43). Um outro exemplo em que o diminutivo não é utilizado encontra-se abaixo:

23.	Samurai Deeper Kyō, n.1	39	Kyō tenta convencer as crianças da vila de que ele e Yuya são “do bem”.	Deixem os Bantou conosco! Aquela *irmã+ ali vai derrotá-los!	Homem (20 anos) x mulher (adolescente) x crianças.
-----	-------------------------------	----	---	--	--

Em (23) acima, Kyō usa a forma *onē-san* para se referir a Yuya provavelmente para demonstrar respeito por ela, ressaltando a distância entre ambos, uma vez que, nesse ponto da história, ainda não se conheciam bem. Ou seja, trata-se aqui do conceito de *distanciamento*. Embora oposto ao conceito de *proximidade*, o *distanciamento* não implica desafeto e ainda demonstra uma preocupação em preservar a posição dentro da *hierarquia* social dos interagentes. Observe-se, ainda, que esse exemplo é retomado adiante, pois faz um contraponto à situação (54) e à discussão no fim da subseção em questão, na qual Kyō chama Yuya de *filhinha*.

Por fim, também fica claro que os únicos vocábulos usados como forma de tratamento para estranhos em japonês são *irmão+* e *irmã+* (i.e. mais velhos), nenhum caso tendo sido encontrado com os vocábulos referentes aos irmãos mais novos. Uma possibilidade é que isso ocorra porque talvez fosse possível se utilizar de *filho(a)* nas situações em que uma pessoa sentiria necessidade de chamar alguém de *irmão mais novo*. Apesar disso, também é verdade que, na prática, um falante pode se utilizar de *irmã(o)+* para se referir a pessoas mais novas, não importando o sentido original do vocábulo.

3.2.3 Análise comparativa

Recapitulando e comparando os usos de *irmã(o)* em português e japonês, percebe-se que esse vocábulo é usado de forma mais abrangente na segunda língua.

Em português, *irmã(o)* é usado apenas por certos grupos sociais de homens jovens dirigindo-se, geralmente, a amigos (em geral, também homens) de longa data. Também nota-se que há formas variantes, como *brô*, *mano* e *mermão*, as quais são muito utilizadas hoje. O uso desse vocábulo para estranhos não está descartado, mas também não está registrado no corpus.

Em japonês, *irmã(o)* é usado por pessoas de ambos os sexos e idades variadas, dirigindo-se a pessoas também de ambos os sexos e com a idade variando de adolescentes até adultos jovens. Além disso, percebe-se que a pessoa referida pelo vocábulo pode ser tanto desconhecida, como conhecida – mas não necessariamente amiga, como no Brasil.

Então, por um lado, no Brasil, o uso de *irmã(o)* propõe *proximidade* entre os interlocutores, por trazê-los para o contexto familiar do falante (o ambiente da *casa*) – sentido este muitas vezes reforçado pelo uso conjunto do pronome *meu*. Por outro lado, no Japão, o uso de *irmã(o)*+, ainda que seja afetuoso, não chega a provocar a *proximidade* entre os interagentes – e, às vezes, reforça seu oposto, i.e., o *distanciamento*. Além disso, esse uso também parece trazer reforço da *hierarquia* social, marcando entre falante e referido a diferença etária, quando existente (já que a única forma encontrada no corpus foi *irmã(o) mais velho*).

De todo modo, nenhum dos casos de uso de *irmã(o)* em japonês coincide com uma situação em que essa palavra seria normalmente usada em português, razão pela qual se marca na tradução dos exemplos essa palavra com (*). Na maioria das vezes, em português, o mais provável seria que esses vocábulos fossem substituídos por tratamentos como *moço(a)*, *amigo(a)*, entre outros.

3.3 Tio & tia

Os vocábulos *tio* e *tia* são bastante frequentes nos corpora. Em especial, no corpus brasileiro surgem em primeiro lugar, enquanto em japonês em quarto.

3.3.1 No português

Segundo os dados coletados, *tio(a)* é usado no Brasil por crianças e jovens para se referir a alguém mais velho em dois tipos de situações diferentes. Os conceitos que guiam esses usos são os de *proximidade* e de *casa*.

A primeira situação é quando a pessoa mais velha referida é próxima do falante ou da família do falante.

Eis alguns exemplos encontrados:

24.	Emília, n.12	40	Emília conversa com Tia Nastácia	Tia Nastácia! O que faz aqui?	Criança x velha, agregada da família
25.	Emília, n.12	48	As crianças (Narizinho, Pedrinho e Emília) conversam.	Adoro ouvir as histórias do Tio Barnabé!	Criança x velho, agregado da família
26.	Julietta, n.22	17	Maluquinho vai almoçar na casa da namorada. A mãe dela chega com a travessa.	O que temos pra comer, tia?	Criança x mãe da namoradinha (meia-idade?)
27.	Chico Bento, n.32	49	Coelhos (crianças) chamam amigo de seu pai.	Tio Tartugo! [...] Tio Tartugo, conta uma história pra gente?	Crianças x adulto, amigo do pai

No exemplo (24), de *Tia Nastácia*, embora a negra seja uma empregada da casa (originária da cultura da escravidão), vê-se que ela é considerada na prática como membro da família e vive como agregada na casa de Dona Benta, a avó da turma do Sítio do Pica-Pau Amarelo. O uso de *tia* em casos como esse serve então para consolidar tal fato, marcando a *proximidade* que existe no relacionamento. É o mesmo caso de *Tio Barnabé*, em (25), outro originário da cultura da escravidão e agregado do sítio.

Nos casos (26) e (27), também há o conceito de *proximidade* em ação ao se incorporar o ouvinte como membro da família do falante. Esse movimento é um caso típico do que DaMatta (1997; 2004) percebe na sociedade brasileira segundo seus conceitos de *casa* e *rua*: brasileiros estão sempre procurando estender mais e mais as confortáveis relações pessoais da *casa* para englobar pessoas que normalmente se encaixariam no espaço da *rua*. Dessa forma, tratam com afetividade quem, embora próximo, não é realmente família e assim

transformam os amigos dos pais ou os parentes de amigos em seus próprios familiares.

Nesse primeiro tipo de uso, então, o referido passa a fazer parte da família do locutor e *tio(a)* soma-se ao seu nome como verdadeiro título na forma de adjunto adnominal.

A segunda situação para uso de *tio(a)* é quando a pessoa mais velha referida é alguém cujo nome não se sabe (alguém desconhecido), mas com quem ou de quem se precisa falar.

28.	Trapalhões, n.45	24	Didi encontra máscara jogada fora por homens e, sabendo que pertencia a eles, pede para tê-la.	Posso ficar com isto, tio?	Criança x homem mais velho (desconhecido na rua).
29.	Mônica jovem, n.11	6	Dudu passa correndo por bilheteiro.	Mal aí, tio! Tenho um jogão pra ver!	Adolescente (homem) x homem mais velho (desconhecido)
30.	Mônica jovem, n.11	111	Meninas falam sobre homem correndo.	– M-mas quem será aquele tio?	Adolescente (homem) x adulto (homem). Desconhecidos.

Similarmente ao uso analisado acima, vê-se no exemplo (28) a busca de *proximidade* e do ambiente da *casa*. Didi se utiliza de *tio* numa tentativa de criar *proximidade* com seu interlocutor e, assim, conseguir a máscara desejada. Ao trazê-lo para sua “família” (*casa*), ele tenta criar laços afetivos com o homem, esperando de um estranho o mesmo tipo de benevolência que receberia de um tio verdadeiro.

Os exemplos (29) e (30), por sua vez, parecem se assemelhar mais ao uso japonês de *tio* (cf. próximo item, 3.3.2), pois em tais situações não há real necessidade para a busca de *proximidade* (sequer há um diálogo real entre os falantes e os homens denominados *tio*). Entretanto, especialmente no caso (29), não é possível dizer que se percebe o “respeito aos mais velhos” associado à diferenciação etária que é comum aos japoneses. Isso pode ocorrer porque, no Brasil, ter mais idade não é, via de regra, visto como algo bom. Observe-se, por exemplo, o caso abaixo:

31.	Mônica Jovem, n.20	18	Mônica (adolescente) leva uma bolada de um menino na praia. Garoto e Cebola discutem..	– Maus, tio! Devolve a bola? – Tio?! Eu já tive sua idade e nunca chamei ninguém de tio!!	Criança x adolescente (ambos homens).
-----	--------------------	----	--	---	---------------------------------------

Como se vê, Cebola fica irritado com o tratamento, seja por acreditar que não tem idade para ser “tio”, seja por considerar desrespeitoso chamar assim uma pessoa desconhecida. Realmente, por mais que o uso de *tio* costume ser generalizado entre crianças pequenas (pelo menos, no Rio de Janeiro), nas revistas tradicionais²² da Turma da Mônica, esse tipo de exemplo não é encontrado. Pelo contrário, embora sejam todas crianças de seis anos de idade e muito amigas (visitando-se constantemente), têm-se exemplos como em (32) abaixo:

32.	Cascão, n.26	15	Mônica, Magali e Denise estão na casa do Cascão e falam com a mãe dele sobre a bagunça no quarto.	Não sabíamos que a senhora não tinha autorizado!	Crianças x mulher, adulta (relativamente jovem), mãe de amiguinho.
33.	Senninha, n.1	26	Garoto atende a vovozinha da Chapeuzinho Vermelho.	Pois não, senhora?	Mulher idosa x criança (desconhecida)

Chamar a mãe dos amigos de *tia* quando se é criança é algo amplamente aceito – como, por exemplo, se vê Maluquinho fazendo em (26) –, ao menos no Rio de Janeiro.

Em (33) há a mesma questão, dessa vez em outra revista: Senninha’ – isto é, o personagem fictício da história que Senninha conta para seu irmão dormir – trata a Vovozinha da história por *senhora*, apesar de ser criança e a despeito de o próprio narrador denominá-la *vovozinha*²³.

²² Por “revistas tradicionais” aqui faz-se referência às histórias da Turma da Mônica em que as personagens principais ainda são crianças – em oposição à nova revista **Turma da Mônica Jovem**, quando elas já são adolescentes.

²³ Cf. ainda o exemplo (59) adiante, que voltará a essa mesma interação.

Como nota, então, pode-se acrescentar que esse tipo de exemplo vai contra o uso geral de *tio* no Rio de Janeiro (i.e. situações 24 a 31), onde soaria bastante artificial, pois a utilização de *senhor(a)* no Rio é reservada a situações em que se faz necessário o uso de *formalidade* ou em que um *distanciamento* entre os interlocutores é desejado, como atestam autores como Meyer (2002; 2004) e Gripp (2005).

Mais que isso, segundo pesquisa realizada por Dale April Koike (1992), as crianças pequenas cariocas não são capazes demonstrar esse nível de formalidade. Esse fato poderia ser atribuído a um alto grau de permissividade às crianças na cultura carioca, das quais não se exigiria nunca um tratamento polido/formal – o que, possivelmente, gera o *aparente declínio* das formas *senhor(a)* entre crianças e jovens relatado por Koike (1992, p. 35). É possível especular, então, que certos níveis de polidez só são exigidos na sociedade carioca a partir de uma certa idade.

Sendo assim, para cariocas, esse tipo de uso visto nos casos (32) e (33) não é comum vindo de crianças, de quem não se esperaria a sensibilidade para evitar ofender as mulheres referidas, lembrando-as de que não são mais jovens²⁴. No entanto, sabe-se que o mesmo costume não é verdadeiro para outras regiões do Brasil e, sendo essas revistas paulistanas e de circulação nacional, é possível que esse seja o motivo para a preferência por *senhora* nos casos acima.

Em outro uso nacional:

34.	Mônica jovem, n.11	20	Meninas falam sobre locutor do jogo.	O tiozinho tá falando da gente! Ai, que orgulho!	Adolescente (mulher) x amigas adolescentes (mulheres) x homem mais velho (desconhecido)
-----	--------------------------	----	--	--	--

A forma *tiozinho* em português foi pouco observada, sendo, portanto, algo que chama atenção. Por um lado, seu uso não parece ser ofensivo; por outro, também não é deferente – observe-se que seu uso foi referencial, e não como vocativo. Este parece ser um caso em que, na verdade, essa forma foi escolhida

²⁴ Cf. também a análise do caso (65) mais adiante, em que o falante se desvia mais explicitamente desse tipo de ofensa.

para marcar a fala da personagem, identificando-a com certo tipo de menina, de fala afetada e que tende a abusar do diminutivo.

Além disso, o uso irônico de *tio* também é possível, especialmente no Brasil, onde, como já mencionado, a questão da idade tem um aspecto negativo por vezes.

35.	Maluquinho, n.25	56	Maluquinho se despedindo da mulher que implicara com ele durante o churrasco.	Tchau “tia”! Venha de lá um abraço!	Homem (criança) x mulher (adulta) relativamente desconhecida (parente de amigo).
-----	---------------------	----	---	--	--

No caso acima, Maluquinho faz uso da palavra *tia* para ganhar a simpatia e o abraço da mulher, mas, considerando que ele pretendia usar este abraço para se vingar dela, também é possível enxergar nesse tratamento um deboche – expressado pelo autor com as aspas no texto. As aspas na fala do próprio Maluquinho indicam que ele mesmo não estava honestamente considerando nem trazer a mulher para o seu espaço da *casa*, nem gerar *proximidade* – a qual, para Wierzbicka (1991), implica afeto. Maluquinho estava apenas se utilizando deste recurso linguístico ou ironicamente, por saber que nem todos gostam de ser assim chamados, ou para abraçá-la enquanto lhe sujava as costas. Ou, mais provavelmente ainda, com ambas as intenções.

3.3.2 No japonês

Os conceitos mais relevantes para a análise de *tio(a)* no japonês são *distanciamento*, *hierarquia* e *informalidade*, e ainda as regras sobre demonstração de *polidez* e *respeito* na sociedade japonesa.

Embora a cultura japonesa não seja tradicionalmente vista como uma cultura em que se busca *proximidade*, nem uma em que se tenta trazer pessoas da *rua* para a *casa* (por razões já discutidas em 2.3.4), como cultura a brasileira, encontram-se no corpus nipônico situações aparentemente similares ao primeiro uso de *tio* no Brasil:

36.	Fruits Basket, n. 10	135	Na praia, Hiro conta para seus amigos que sua mãe, Satsuki, está grávida.	Mas parabéns de verdade, Hiro... A tia Satsuki ficou feliz?	Criança (mulher) x Hiro (criança, homem) x mulher adulta (mãe de Hiro)
37.	Ranma ½, n.1	162	Na mesa do café, Nabiki, Sr. Saotome e Ranma conversam.	Tio, passa o shoyu?	Adolescente (mulher) x homem de meia-idade, agregado na casa
38.	Naruto, n.2	56	Sakura salva Tazuna.	Tio, abaixa!	Sakura (menina, c. 12 anos) x Tazuna (homem, idoso)

Em (36), vê-se uma criança chamando a mãe de seu amiguinho de *tia* e, em (37), num caso similar ao de Tia Nastácia, um agregado da família Tendō (e amigo de infância do pai da falante) vira *tio* também.

Descartando-se o movimento *rua* → *casa* e o interesse em promover *proximidade*, acredita-se que o uso de *tio* se dê como forma de marcar a diferença etária entre os interlocutores – ou seja, uma forma de *distanciamento* e reforço da *hierarquia*. Como afirma Suzuki (1995), um dos fatores mais importantes para se adquirir respeito dentro da sociedade japonesa é ser mais velho, de forma que ser chamado de *tio(a)* teria mais valor do que ser chamado de *irmão* ou *filho*, por exemplo. De fato, todos os referidos como *tio(a)* aparentam ter cerca de 40 anos ou mais.

Esse *distanciamento* contém também *respeito* embutido. Isso explica situações que geram estranhamento para brasileiros, como por que, em (38), Sakura – e também Naruto, em (61) – se refere a Tazuna, seu contratante, como *tio*. Note-se ainda que o mesmo Tazuna é chamado de *vô* por Kakeshi (chefe de Naruto e Sakura), no exemplo (60). Essa discrepância de “classificação” (*tio* ou *avô*?) do personagem Tazuna pode indicar que *tio* talvez seja uma nomenclatura mais infantil do que *avô*, porque crianças (e.g. Naruto e Sakura) avaliam pior a idade dos mais velhos; ou pode indicar que um adulto (e.g. Kakeshi) já se considere com a idade de ser *tio*, preferindo assim formas que somariam mais respeito a alguém mais velho do que ele mesmo.

De fato, uma das informantes consultadas concordou que, para ela, o uso de *tio(a)* parece infantil e que vindo de pessoas com mais de 15 anos já soa

estranho. Mesmo assim, sabe-se que, no Rio de Janeiro, é comum adolescentes e jovens chamarem pessoas mais velhas de *tio(a)* para além dessa idade – especialmente quando as conheceram na infância.

Continuando a análise, encontram-se ainda alguns exemplos dissonantes no corpus japonês nos quais, contrariando o que parecia a regra geral, há o uso de *tio* de uma forma (possivelmente) sem *respeito*:

39.	Ranma ½, n.1	27	Nabiki pergunta à sua irmã, Kasumi, quem está na sala, conversando com pai.	Irmã, quem é aquele titio?	Adolescentes (mulheres, irmãs) x homem (meia-idade).
40.	Naruto, n.2	66	Naruto discute com seus companheiros sobre o que fazer (continuar ou não na missão de proteger Tazuna).	Vamos proteger o titio. Temos que prosseguir com o nosso dever.	Naruto (criança) x Hokage (idoso)

Em (39) e (40), duas formas variantes de *tio* são empregadas, ambas as quais traduzimos como *titio* por denotarem *informalidade* e terem sentido relativamente próximo. No original, a primeira é *occhan* e, segundo os informantes consultados, é muito comum em Osaca e na região de Kansai em geral (sul do Japão), onde é considerada uma forma carinhosa de tratamento. No entanto, em Tóquio, onde se passa a história de **Ranma ½**, *occhan* não é tão bem aceito, por não ser considerado muito deferente, i.e. sem muito *respeito* atrelado. A segunda forma surge em (40), quando se vê Naruto chamar seu contratante, Tazuna, de *titio* através da forma *ossan*. Essa forma, segundo todos os informantes, é considerada rude, isto é, demonstra pouco *respeito*.

No entanto, um detalhe importante é que em ambas as cenas os locutores não estão em diálogo com o referido, ou seja, também não é possível dizer que estão tentando ofendê-lo ou desrespeitá-lo. O mais provável, então, é que essas formas de tratamento sejam utilizadas – similarmente ao caso (34) do corpus brasileiro – como um recurso do autor para marcar a personalidade de Nabiki e Naruto como adolescentes “pouco refinados”, isto é, que se valem de pouca *polidez* ao falar – em oposição direta, por exemplo, a personagens como Kasumi

que, por sua vez, é sempre muito polida e respeitosa. Por exemplo, em (41), Kasumi opta pela forma *honorável tio* (em japonês, *oji-sama*) para falar com o amigo do pai:

41.	Ranma ½, n.1	50	Kasumi conversa com Sr. Saotome (o panda).	Honorável tio Saotome, você não sabe ler chinês?	Mulher (adolescente) x homem (meia-idade), agregado na casa.
-----	-----------------	----	--	--	--

Dessa forma, reforça-se aqui a ideia da associação entre *informalidade* e *impolidez* – e, indiretamente, de *formalidade* e *polidez/respeito*, à qual se soma, ainda, a possibilidade de manutenção da *hierarquia*. Essas associações podem ser verdadeiras para a cultura japonesa, mas, como discutido em 2.3.3, não devem ser generalizadas. Uma prova de que tais generalizações são perniciosas é que, nos exemplos acima, a mesma *informalidade* não está atrelada à *proximidade* (uma combinação que, embora comum em diversas culturas, não é verdadeira aqui), pois Nabiki não sabia quem era o *titio* na sala e Naruto tinha um relacionamento recente e puramente profissional com o *titio* Tazuna.

3.3.3 Análise comparativa

Conforme analisado nesta seção, normalmente o tratamento *tio(a)* é utilizado apenas por crianças ou jovens tanto no Brasil quanto no Japão.

Além disso, é possível utilizá-lo de duas maneiras no Brasil: primeiro, para consagrar como membro da família alguém com quem já há *proximidade*, trazendo esta pessoa definitivamente para o ambiente da *casa* damattiano. Segundo, para se referir a alguém cujo nome não se sabe, mas que é mais velho que o locutor. Neste segundo uso, *tio(a)* em geral surge como vocativo e parece apelar para a benevolência de estranhos, ou então, quando não é vocativo, parece ter um tom neutro (nem ofensivo, nem deferente) e ser um simples sinônimo de “pessoa mais velha do que eu”.

Neste último caso, Brasil e Japão se assemelham, pois lá se utiliza *tio(a)* para denominar tanto pessoas conhecidas, quanto desconhecidas, o mais relevante sendo a idade do referido – a saber, pessoas com mais de 30 ou 40 anos. A diferença entre esses usos está no fato de que, no japonês, o uso de *tio(a)* gera *distanciamento* e serviria, então, para marcar a idade do referido e atribuir-lhe status superior ao do falante na *hierarquia*, de forma que pode ser considerada

uma forma de tratamento que atrela *respeito*. Inversamente, no Brasil, nem sempre é possível dizer que esse tratamento é bem aceito, pois ser considerado mais velho pode ser visto como algo ruim.

3.4 Filho & filha

O vocábulo *filho(a)* tem o número de ocorrências praticamente igual nos dois corpora. No entanto, no corpus brasileiro, ele é o segundo tratamento mais utilizado (empatado com *irmão*) e, no japonês, é o terceiro.

3.4.1 No português

O uso de *filho(a)* para se referir a pessoas que não são, de fato, sua progênie está registrado no corpus brasileiro de duas maneiras diferentes, mas sempre na função de vocativo. Os parâmetros envolvidos nessa escolha de tratamento, novamente, foram dados pelos conceitos de *proximidade* e de *casa e rua*, e adicionalmente pelo de *hierarquia*.

A primeira forma de usar *filho(a)* registrada ocorre quando uma pessoa mais velha chama alguém mais novo dessa forma para demonstrar real afeto e, geralmente, ocorre em casos em que ambas as partes já possuem um relacionamento com *proximidade*.

42.	Chico Bento, n.32	60	Preto Véio dá conselhos a Chico.	O que qui tá acontecendo, meu fio? (sic)	Homem velho x criança. Conhecidos.
43.	Emília, n.12	51	Coronel Teodorico conversando com D. Benta, netos dela e seu sobrinho. Ele estava procurando pelo sobrinho, que perdera a memória.	É, meu filho! Você estava passeando pelo pomar quando uma jaca caiu na sua cabeça!	Tio (homem, meia-idade ou mais) x sobrinho (homem jovem)

No primeiro exemplo acima, Preto Véio, embora não seja parente nem agregado da família de Chico Bento, mostra-se velho conhecido do menino, sendo provavelmente um vizinho ou figura famosa nas redondezas com quem Chico está acostumado. Dessa forma, ele se sente no direito (quicá no dever) de tomar para si as preocupações da criança, referindo-se a ele como *filho*. Se Preto Véio se

considera como alguém realmente próximo a Chico, é razoável assumir que se sinta no dever de ajudá-lo. Nesse sentido, chamá-lo de *meu filho* só viria sacramentar a *proximidade* existente no relacionamento dos dois.

Da mesma forma, em (43) vê-se o tio chamar o sobrinho de *filho*, demonstrando – assim como Preto Véio fez com Chico – afeto e preocupação pelo rapaz que, além de perder a memória, também estava desaparecido de casa há algum tempo. Como o coronel possui real parentesco com o desmemoriado, abarcá-lo na categoria *filho* torna-se ainda mais simples que no caso anterior.

Em ambos os casos o uso de *filho* é ainda reforçado pelo pronome *meu*, que quase sempre acompanha essa forma de tratamento em português, reafirmando a *proximidade* entre os interlocutores.

Além disso, esse uso de *meu* – que acompanha muitas outras expressões da língua portuguesa, como *meu bem*, *minha querida*, estreitando ainda mais os laços entre os interagentes – parece apontar, novamente, para o esforço dos brasileiros em se aproximar de seus interlocutores, seguindo o vetor *rua* → *casa*.

Assim, fica claro como *meu*, sendo o pronome possessivo da 1ª pessoa, traz o ouvinte para junto do falante, num apropriar-se do outro. Em oposição, tem-se o uso do pronome possessivo de 2ª/3ª pessoa *seu*, que no Brasil frequentemente acompanha xingamentos, e.g. *seu idiota!* O movimento aqui é, portanto, o contrário, afastando o outro para o ambiente da *rua*.

Note-se que também é possível ler na fala do coronel um (pequeno) tom de reprimenda, como se o sobrinho tivesse sido descuidado ao andar sob as jaqueiras carregadas.

Essa possibilidade leva ao segundo uso de *filho(a)* em português, isto é, marcar relações (pretensamente) assimétricas.

44.	Cascão, n. 33	13	Meninos discutem sobre quem irá enfrentar Sofia, a Terrível, que não os deixa jogar futebol.	– Eu tô achando que você tá com medo, Cascão! – Medo? Eu nem sei o significado dessa palavra, meu filho!	Crianças (homens), amigos da mesma idade.
-----	------------------	----	--	---	---

45.	Cebolinha, n.29	14	Irmãos discutem sobre a altura do som do videogame.	– Mas você sempre estuda com seu emepetrês-pleier no último volume! – Mas é só música boa, meu filho!	Irmã mais velha x irmão mais novo. A irmã parece ter cerca de dez anos mais que o irmão.
46.	Chico Bento, n.32	7	Chico e seu primo conversam e este explica sobre gírias da cidade.	Essas são as gírias que estão bombando na cidade! Se atualiza! Faz um <i>upgrade</i> , meu filho!	Crianças (homens), primos da mesma idade.
47.	Chico Bento, n.32	18	Chico conversa com Rosinha sobre novidades da cidade.	Ai, minha filha, si atualiza faiz um ampicreidi! Ocê num sabe o que é révia? (sic)	Namorado x namorada, de mesma idade.
48.	Julieta, n.24	24	Amigas conversam sobre o “cavalheirismo”.	– Dá até vontade de encontrar o meu príncipe encantado!!! – Ih! Desiste, minha filha...	Crianças (mulheres), amigas da mesma idade.
49.	Alm. Mônica, n.14	34	Dona Morte conversa com cartomante.	– Sua bola [de cristal] é a cabo? – É o ano 2000, minha filha!	Mulheres adultas desconhecidas (cliente x cartomante)

O que se percebe nos vários exemplos acima, cobrindo vasta gama de relacionamentos, é que o locutor sempre se utiliza da expressão *meu filho* ou *minha filha* não para demonstrar afeto, e sim como marca de uma (pretensa) superioridade sobre seu interlocutor, seja em termos de poder – e.g. em (44) e (45) –, seja em termos de sabedoria ou conhecimento de mundo (nos outros casos). Além disso, essa diferenciação geralmente é feita para repreender o interlocutor por algum lapso com relação a algo que o locutor parece considerar óbvio ululante.

Ou seja, *filho(a)* nesses casos realmente funciona como um subjugador do outro: enquanto o locutor é elevado à posição de “pai”, isto é, de alguém que sabe e pode mais, o interlocutor é rebaixado à “criança ingênua”.

Essa forma de tratamento é, então, utilizada como um meio de chamar a atenção de alguém – geralmente, mas não necessariamente – próximo ao falante,

i.e. alguém com quem este tem *proximidade* ou até *intimidade*, como em (47). No caso (49), porém, se vê uma cena em que o laço entre os interagentes é momentâneo e profissional: uma cartomante (logo, uma prestadora de serviços) se utiliza de *minha filha* para mostrar à sua cliente como esta estava desatualizada no tocante às novas tecnologias divinatórias.

Note-se ainda que esse segundo uso de *filho(a)* não é aceito pacificamente por todos. Em revista do jornal **O Globo**, a colunista Martha Medeiros (2006) comenta o uso de algumas formas de tratamento (pseudo)carinhosas, como *meu amor*, *queridinha* etc. Apesar de a autora não citar nominalmente o uso acima de *minha filha* e *meu filho*, acredita-se que sua irritação se estenderia também para esses vocábulos, pois ela entende que ferem o sentido original de afeto por trás dessas expressões. Medeiros, então, desaprova aqueles que, não sendo íntimos, usam essas expressões, seja por hábito, por arrogância ou por ironia, para demonstrar irritação ou insatisfação sem ser explicitamente agressivo.

Opiniões similares ganharam voz na mídia quando a então ministra e pré-candidata à presidência Dilma Rousseff chamou uma repórter de *minha filha*. Tal fato repercutiu na mídia e, segundo Schaffner (2009), fez com que o próprio partido da candidata tentasse intervir para “domar a personalidade forte” de Dilma. Nas palavras do colunista Reinaldo Azevedo (2010): “é Dilma chamar alguém [...] de ‘meu(minha) filho(a)’, e você pode ter a certeza: ‘Ela está brava’” – confirmando o caráter pouco afável da expressão.

A despeito da opinião de jornalistas e colunistas, como se pode ver no corpus, é bastante comum o uso de *meu filho* e *minha filha* com a função de criar ou realçar um desnível de *hierarquia* entre locutor e interlocutor para repreender o segundo. No corpus, essa expressão foi utilizada dentro da família, entre amigos, entre namorados e até com clientes. Note-se ainda que, por seu caráter reprovador, essa *hierarquia* que se instaura momentaneamente no relacionamento entre falante e ouvinte pode ser mais bem comparada à situação existente no ambiente da *rua* do que no da *casa* (vide item 2.3.4.1), de modo que aqui o vetor seria o oposto do geralmente encontrado no Brasil (i.e. *rua* ← *casa*). Também não se pode dizer haver uma busca de *proximidade*, embora a palavra *distanciamento*, se utilizada, deveria ser diferenciada de seu uso na cultura japonesa. Mesmo que não se considerasse que essa reprimenda através de *meu filho* fosse o suficiente para se ter uma “hierarquia à moda da *rua*”, deve-se notar que DaMatta (2004, p. 18)

também ressalta que no ambiente da *casa* há uma hierarquia, na qual o pai é o chefe, estando o filho abaixo dele.

Resumindo, é importante perceber, então, a existência de um duplo sentido no português ao se usar *filho*: o primeiro genuinamente afetuosos que reforça a *proximidade* e o ambiente da *casa* entre os interlocutores e o segundo que os afasta, impondo uma *hierarquia*.

3.4.2 No japonês

No corpus japonês, a forma de tratamento *filho(a)* tem um uso bem diferente dos sentidos que esse vocábulo ganha em português. Os conceitos que mais interessam nesta análise são os de *distanciamento*, *hierarquia* e *respeito*.

50.	Yamada Tarō, n.2	108	O avô de Takuya pensa sobre a possibilidade de Tarō (disfarçado de mulher) ser namorado do neto.	Aqueles dois se dão bem demais para colegas de classe. E se aquela *filha e Takuya forem...!?	Homem idoso x adolescente (mulher). Foram apresentados há pouco.
51.	Samurai Deeper Kyō, n.2	114	Yuya se intromete na discussão entre malfeitores e idosa.	Como é que é, sua *filhinha fedorenta?	Homens (meia-idade) x mulher (adolescente). Desconhecidos.
52.	X, n.1	165	Fūma (morador da rua) chega quando vizinhos conversam sobre catástrofe ocorrida ali.	– O que aconteceu? [...] – Opa, é o *filho, herdeiro do templo?	Homem (meia-idade?) x homem (adolescente). São vizinhos de rua.
53.	X, n.1	180	Rapaz fala sozinho sobre a cena presenciada, isto é, menina cuidando de rapaz doente.	Assim que é bom, receber cuidados de uma *filha gracinha.	Homem adolescente x mulher adolescente, mas mais nova (desconhecidos).

54.	Samurai Deeper Kyō, n.1	166	Kyō tenta desfazer o conflito iminente entre Yuya e o magistrado Haraguro.	Sr. Magistrado, deixe essa *filhinha pra lá. Se você quer uma dica para conseguir uma noite com uma bela mulher, gostaria de um remédio secreto que tenho?	Homem (adulto jovem) x mulher (adolescente) x homem (meia-idade). Desconhecidos.
-----	-------------------------------	-----	--	--	---

Como se percebe pelos exemplos acima, então, num primeiro momento, no Japão, o uso de *filho(a)* parece estar ligado à idade do interlocutor em relação a do locutor. Em especial, a ideia de *filho(a)* está associada aparentemente à de crianças e adolescentes. O vocábulo é usado para se referir a estranhos, mas também a pessoas cujo nome é conhecido, embora não haja grande familiaridade entre os interagentes.

Sendo assim, em (50), (51) e (52), homens adultos chamam pessoas mais novas dessa forma, sem que com isso aparentem querer criar *proximidade* com o referido(a). Pelo contrário, nesses casos, *filho(a)* parece ressaltar a diferença etária entre falante e referido, diferenciando a posição de cada um na *hierarquia* social e consequentemente contribuindo para um *distanciamento* entre as partes.

No caso de (50), vê-se também como o tratamento *filha* é preferido a *neta*, conforme será discutido também na subseção com relação a este último tratamento. Sendo idoso, o avô de Takuya poderia (hipoteticamente) preferir se referir a pessoas da faixa etária de seu próprio neto como *neto(a)*, o que não acontece.

Em outro dos casos acima, o locutor é pouco ou nada mais velho que a referida: na situação (53), um adolescente se refere a outro por essa forma de tratamento (ele é uns dois anos mais velho apenas). Nesse caso, particularmente, os informantes consultados concordam que a escolha se deve a dois motivos provavelmente: (a) o locutor acha a menina bonita e “tipicamente feminina”. *Filha* é um vocábulo utilizado, segundo um dos informantes, quando se paquera alguém, especialmente em Osaca, de onde vem o locutor. Além disso, (b) o locutor em (53) está comparando a referida com outra moça – que se vê quadrinho

anterior e que é citada no exemplo (14) –, a qual é menos feminina e mais “forte” (i.e. aparentemente nada frágil ou indefesa).

No caso (54), tem-se um caso limítrofe. O homem tem vinte anos, sendo pouco mais velho que Yuya, mas, como ele já não é adolescente, é o suficiente para que não se encaixe na categoria *filho* e, também por isso, para que possa chamar com mais propriedade os mais novos assim. Também é razoável supor que, como ele está falando com um homem mais velho, use esse vocábulo pensando na diferença de idade entre seu interlocutor e a moça referida.²⁵

Também fica claro que a maneira como essas formas de tratamento são utilizadas não permitem que uma tradução literal delas soe natural em português. O mais razoável é que, no contexto brasileiro, se utilizassem palavras como *garoto(a)*, *menino(a)* ou *rapaz/moça* – à exceção dos casos em que o sentido do enunciado se pretende ofensivo, como em (51), quando xingamentos propriamente ditos poderiam utilizados em português.

Às vezes, quando *filho(a)* é vocativo em japonês, uma tradução direta poderia até funcionar, pois nesses casos o sentido adquirido é um pouco similar ao do segundo uso desses vocábulos em português:

55.	Samurai Deeper Kyō, n.2	11	Yuya enfrenta malfeitor.	Filhinha... Parece que você quer morrer primeiro, né?	Homem (adulto, jovem) x Mulher (adolescente). Desconhecidos.
56.	Samurai Deeper Kyō, n.2	96	Yuya está perdendo contra a chefe dos vilões.	Ahahaha! Te peguei, não é, filhinha?!	Mulher (adulta, jovem) x mulher (adolescente)

Há, porém, duas observações importantes que precisam ser feitas. Em primeiro lugar, é interessante notar que, nos casos acima em que a palavra *filh(inh)a* é utilizada num contexto ofensivo, a forma original é *komusume*, em vez de *musume*, de forma que o prefixo diminutivo *ko-* esteja, aqui, associado à ideia de diminuição da própria pessoa.

Em segundo, todas as vezes em que é usado como vocativo, *filhinha* tem tom negativo e, inversamente, os usos de *filho(a)* com tom neutro ou positivo nunca são vocativos, e sim usados referencialmente.

²⁵ Aprofundaremos mais um pouco nesse caso adiante, para comentar sobre o diminutivo empregado aqui.

Note-se que em (52), por exemplo, o vizinho não afirma que “Fūma é o filho dos donos do templo”, e sim pergunta, embora soubesse a resposta, se ele o é. Ou seja, é possível que chamar diretamente alguém de *filho(a)* seja inadequado, quiçá ofensivo, não seguindo as orientações de demonstração de *respeito* assinaladas por Suzuki (1995) para a sociedade japonesa.

No exemplo (23), analisado no final da subseção 3.2.2, sobre o uso de *irmã(o)* em japonês, Kyō chama Yuya de *irmã+* (*onē-san*), com mais formalidade inclusive do que na maioria dos outros exemplos do uso desse tratamento. Comparando esse caso com (54) acima, o uso de *filhinha* parece realmente complicado.

Enquanto em (23) o falante quer preservar ou, melhor ainda, quer construir uma imagem de heroína para a personagem (e por isso usa *irmã+*), na situação (54), ele quer na verdade diminuí-la, tirando-lhe a importância para que o magistrado desista de assediá-la. Esse uso relaciona-se também com as observações feitas no item 2.3.5 sobre como o locutor deve considerar a relação eu-tu e também tu-3ª pessoa para atribuir as formas de tratamento adequadas à situação. Em (54), então, Kyō consegue valorizar indiretamente seu interlocutor ao depreciar Yuya.

Essa dupla interpretação de *filha* foi confirmada por uma das informantes consultadas. Ela afirmou que, por conta disso, *musume* não costuma ser usado para falar diretamente com alguém e quando o é, deve-se tomar o cuidado de adicionar o sufixo *-san*, e nunca o prefixo *ko-*. Melhor ainda, o preferível seria se utilizar de uma outra palavra encontrada no corpus e que também significa *filha*, a saber, *ojō-san*. Esta forma é menos usual no corpus e denota alto grau de *respeito*, similar ao adquirido pelas palavras somadas ao sufixo *-sama* em vez de *-san*, podendo também ser traduzida como “honorable filha” ou “princesa”. Nas traduções, preferimos a segunda opção para diferenciar os vocábulos:

57.	Yamada Tarō , n.4	116	Irmã mais nova de Tarō cai na loja. Funcionários e clientes vêm ver se ela está bem.	Oh! Princesinha, você está bem?	Mulher (meia- idade) x mulher (criança). Desconhecidas.
-----	----------------------	-----	---	------------------------------------	--

58.	Yamada Tarō , n.4	114	Irmã mais nova de Tarō chora na rua. Homem passando para perguntar o que houve.	O que aconteceu, princesinha?	Homem (meia-idade) x mulher (criança). Desconhecidos.
-----	----------------------	-----	---	-------------------------------	--

A informante também lembra que, entre pessoas mais velhas – como o avô de Takuya, em (50) –, o uso de *musume(-san)* é mais comum que o de *ojō-san*, embora não haja nisso qualquer intenção de desrespeito, a priori.

3.4.3 Análise comparativa

Nesta seção analisa-se que, em português, *filho(a)* é sempre vocativo e pode servir para reforçar a *proximidade* entre os interlocutores, num uso afetoso, ou para afastá-los, com fins reprovadores, estabelecendo um relacionamento momentaneamente assimétrico entre os interagentes (i.e. uma *hierarquia*). Além disso, observa-se que esse tratamento normalmente (e em todos os casos do corpus brasileiro) é acompanhado pelo pronome *meu/minha*.

Em japonês também há dois usos para esse vocábulo, mas com valores diferentes. O primeiro ocorre quando *filho(a)* refere-se a pessoas, conhecidas ou não, que sejam crianças ou adolescentes, marcando a diferença etária entre interlocutores (geralmente um adulto), a qual, porém, na *hierarquia* social japonesa, agrega *distanciamento* e, portanto, *respeito* – ainda que relativamente pouco, uma vez que ser mais jovem significa ter menos status social.

Nesse primeiro uso, o vocábulo nunca é vocativo, à exceção da forma “superpolida” *ojō-san*. O uso de *musume* é bastante limitado, pois aparentemente não traz tanto *distanciamento* nem demonstra tanto *respeito* quanto é costume no Japão (cf. 2.3.5), sendo utilizado ou por pessoas mais velhas (meia-idade em diante) ou por jovens em paqueras.

No segundo uso, vê-se a forma diminutiva *filhinha* ser utilizada para ofender a pessoa referida, sendo comum seu uso como vocativo. O uso ofensivo em japonês possivelmente está ligado ao diminutivo *ko-* e também ao fato de que, no Japão, ser mais novo traz menos status social a uma pessoa. Similarmente, em português, supõe-se que o uso de *meu filho* para repreender se deva também a uma associação entre as ideias filho/menos poder e pai/mais poder.

3.5 Avô & avó

Na classificação geral de frequência, *avô(ó)* ficou em quarto lugar, principalmente devido ao corpus brasileiro, como se explica a seguir.

3.5.1 No português

Os vocábulos *avô* e *avó* (ou seus derivados) utilizados como forma de tratamento fora do âmbito familiar quase não são encontrados no corpus brasileiro. Mais precisamente, o único exemplo propriamente dito que ocorre é o seguinte:

59.	Senninha, n.1	26	Ao pé da cama, Senninha conta história para seu irmão dormir.	Era uma vez, não sei bem quando, nem sei bem onde, uma vovozinha muito meiga e gente fina...	Senninha- narrador (homem, criança ou pré- adolescente) x mulher idosa
-----	------------------	----	--	--	---

Além de um único exemplo ser prova do quanto esses vocábulos não são tão utilizados com referência a pessoas de fora da família, o caso acima foge um pouco de situações corriqueiras por ser, na verdade, uma narração de uma história (paródia de Chapeuzinho Vermelho que Senninha conta para o irmão).

Sendo assim, *vovozinha* não foi usado nem como vocativo, nem mesmo como referência direta a alguém em um diálogo. Ou seja, não foi Senninha quem chamou uma mulher mais velha de *vovozinha*, e sim o narrador que usou essa palavra e, bem ou mal, esse é o vocábulo normalmente utilizado para descrever essa personagem na narrativa tradicional da Chapeuzinho Vermelho.

Mesmo assim, considera-se que o exemplo seja válido porque, de qualquer forma, o narrador também não é neto da *vovozinha* e o fato de esse vocábulo ser usado genericamente para descrever uma senhora idosa parece significativo.

Por si só, chamar alguém por uma forma de tratamento que indique sua idade avançada na sociedade brasileira – assim como, provavelmente, em outras sociedades ocidentais – não é geralmente tido como algo bom, pois, na nossa sociedade, o ideal é ser jovem, belo e forte²⁶. No entanto, na passagem acima, *vovozinha* vem associado a adjetivos positivos (*meiga* e *gente fina*) e, inclusive por vir somado a uma reduplicação e a um diminutivo (i.e. *avó* > *vó* > *vovó* >

²⁶ Não se citam referências para esse pensamento porque, nos parece, é senso comum no Brasil.

vovozinha) fica claro que se tem uma forma de tratamento afetuosa. Nesse caso, então, chamar alguém de *vovozinha* seria algo positivo.

Além disso, apesar da falta de outros exemplos no corpus, acredita-se que o uso de *avô* e *avó* ocorra no Brasil por vezes. Por exemplo, Meyer²⁷ conta que, certa vez, fazendo compras com sua avó, a caixa do mercado dirigiu uma pergunta a esta, chamando-a de *vovó*. Nesse incidente, entretanto, o tratamento não foi bem aceito – embora seja pouco provável que a caixa tivesse intenções de ofender suas clientes. O mais provável era que a caixa estivesse tentando inversamente utilizar essa forma de tratamento como forma de gerar *proximidade* e de englobar em seu ambiente da *casa* a referida, para, assim, melhorar seu relacionamento com a clientela.

3.5.2 No japonês

O uso dos vocábulos equivalentes a *avô(ó)*, respectivamente *ojii-san* e *obā-san*, e suas formas derivadas, está largamente registrado em japonês, de tal forma que esses tratamentos estão em segundo lugar na classificação de frequência do corpus nipônico.

Aqui, o conceito que se faz mais relevante é o de *hierarquia*, mas também se utilizam os conceitos de *distanciamento*, *(in)formalidade* e *respeito* durante a análise.

Eis alguns exemplos encontrados:

60.	Naruto, n.2	37	Kakeshi briga com Naruto por querer bater em Tazuna, a pessoa a quem devem proteger.	Se você matar o vô a quem devemos proteger, como é que ficamos?	Kakeshi (homem, adulto) x Naruto (criança) x Tazuna (homem, idoso)
-----	-------------	----	--	---	--

²⁷ Comunicação pessoal.

61.	Naruto, n.2	34	Insistindo ser capaz de pegar trabalhos mais difíceis, Naruto discute com o Hokage, líder da vila em que mora, sobre sua próxima missão.	– Preste atenção no que estou dizendo! – Ah! Se eu fizer isso você, vovô, só fica me dando sermão! Mas eu não sou mais aquele menino travesso de sempre que o vovô pensa que eu sou!	Naruto (homem, criança) x Hokage (homem, idoso)
62.	Samurai Deeper Kyō, n.1	30	Kyō ralha com o homem (idoso) que tentou matá-lo (por engano).	Vovô, se você matar as pessoas por engano, não vai ser engraçado!	Kyō (homem jovem) x ancião líder de vila (homem idoso)
63.	Yamada Tarō, n.1	99	Tarō comenta com amigo sobre a última vez em que pôde comer sushi.	[Não como] sushi desde o ano passado, no funeral da vovó que morava ao lado.	Homem (adolescente) x homem (adolescente) x vizinha (mulher idosa), já falecida.
64.	Yamada Tarō, n.4	184	Tarō conta a amigos que conseguiu um bico em barraquinha de comida.	Fiquei amigo da vovó e ela disse que me dará uns bolinhos se eu ajudá-la [nas vendas].	Funcionário (homem adolescente) x amigos (adolescentes) x chefe (mulher idosa).

Os exemplos acima podem ser considerados os casos mais genéricos do uso de *avô(ó)* em japonês, ou seja, quando pessoas mais novas (crianças, adolescentes e adultos jovens) precisam se dirigir a pessoas bem mais velhas independentemente do grau de relacionamento entre o falante e o referido. Ou seja, mesmo que se saiba o nome da pessoa ou um título dela, é possível dirigir-se a essa pessoa ou falar sobre ela com terceiros utilizando-se o vocábulo *avô(ó)* e, dessa forma, manter um *distanciamento* com relação ao referido e reconhecer seu maior status social na *hierarquia* por sua avançada idade. Por causa disso, também é possível, então, considerar que há na forma de tratamento *avô(ó)* certo grau de *respeito* embutido.

Assim, vê-se como Tarō, em (64), e Naruto, em (61), preferem ao nome o tratamento *vovô(ó)* para se dirigirem a seus chefes e, em (60), Kakeshi faz o mesmo para se referir a seu contratante. Em (63), Tarō chama a falecida vizinha de *vovó* e, mesmo que a relação de ambos não tivesse *proximidade*, ele a conhecia o suficiente para ir a seu funeral, logo deveria com certeza saber seu nome.

Essa valorização da idade é algo que, de forma geral, diverge do esperado na cultura brasileira, mas, nesse tocante, relembra-se um caso interessante que surgiu na pesquisa para a formação do corpus brasileiro:

65.	Alm. Mônica, n.14	46	Piteco pensa consigo mesmo sobre homem idoso que tentou ajudar.	Será que o velhinho escapou?	Homem jovem x homem idoso (desconhecidos).
-----	-------------------------	----	---	------------------------------	--

O uso de *velhinho* no exemplo acima carrega na verdade um valor positivo, pois Piteco se apiedou do homem e estava preocupado em lhe salvar a vida. Isso, então, abre a possibilidade de um uso positivo para *velhinho* e, potencialmente, *velhinha*, formas as quais teriam como correspondente mais adequada para o japonês as formas de tratamento *vovô* e *vovó*, pois a equivalência de idade e o diminutivo afetuoso correspondem exatamente às formas vistas de (61) a (64), no original *jiichan* e *bāchan*.

Note-se, contudo, que no exemplo acima Piteco não se dirige diretamente ao referente como *velhinho*. Pelo contrário, todas as vezes na história em que usa *velhinho*, Piteco está apenas pensando consigo mesmo. Mais do que isso, quando ele de fato se dirige diretamente ao referido, opta por outra forma de tratamento:

66.	Alm. Mônica, n.14	46	Piteco grita com homem idoso, para tentar ajudá-lo.	Ei, tio!! Fuja rápido!!	Homem jovem x homem idoso (desconhecidos) dialogam na rua.
-----	-------------------------	----	---	-------------------------	--

Velhinho tem, então, um uso apenas referencial. Quando o locutor dirige-se diretamente a seu interlocutor, ele se desvia desse vocábulo e opta por chamar o homem de *tio*. Isso ocorre porque, no Brasil, *tio* tem, como discutido na subseção 3.3.1, um valor afetuoso e promove a *proximidade* e o deslocamento da relação entre os interagentes no sentido da *casa*. Palavras que remetem à velhice como *avô* e *velhinho*, por sua vez, tendem a ser evitadas no Brasil por poderem ser

consideradas como ofensivas, sendo, então, preteridas mesmo quando o falante não as vê com maus olhos.

Pelo corpus japonês, vê-se que essa mesma interpretação negativa não acontece lá. Inclusive, registra-se também uma forma derivada ainda mais positiva, i.e., que indica ainda mais *respeito* pelos mais velhos que as formas anteriores:

67.	Samurai Deeper Kyō, n.2	131-132	Yuya oferece seus serviços de guarda-costas.	Honorável avó, você não precisa de uma guarda-costas? [...] Pelo meu nome, juro protegê-la, honorável avó.	Mulher adolescente x mulher idosa. Conheceram-se há pouco.
-----	-------------------------	---------	--	--	--

A forma *obā-sama*, aqui traduzida como *honorável avó*, eleva a idosa a um patamar de grande importância e status social ao aumentar ainda mais o *distanciamento* entre falante e referido pelo grau de *formalidade* intrínseco ao sufixo *-sama*. No quadrinho, essa escolha carrega também certo efeito cômico, mostrando a personagem Yuya como interesseira e bajuladora (ela quer ser contratada pela idosa), mas, considerando que, ao adular a velha, Yuya escolhe chamá-la de *avó* e não por outro nome ou título, considera-se este um exemplo válido. Esse uso reforça, então, o vasto emprego desse tratamento no contexto japonês, mesmo em situações em que se quer demonstrar grande respeito ou ser formal.

Algumas referências pejorativas a pessoas idosas também são encontradas no corpus japonês. As formas de tratamento *jijii* e *babā*, derivadas respectivamente de *avô (ojii-san)* e *avó (obā-san)*, são usadas quando se quer ofender alguém idoso, demonstrando desrespeito (KOUJIEN, 1998). Vamos traduzi-las como *velhote(a)* para evitar confusões em português:

68.	Naruto, n.2	42	Sakura pensa na história que ouviu sobre os grandes poderes do Hokage, líder da vila em que mora.	Aquele velhote caquético é mesmo tão incrível assim? Isso tá com jeito de mentira, né!?	Sakura (menina, c. 12 anos) x Hokage (homem, idoso)
-----	-------------	----	---	---	---

69.	Samurai Deeper Kyō, n.2	112	Malfeitor discute com idosa que não queria lhe pagar o “pedágio” (ilegal).	– Ei, velhota! Você acha que pode andar por esse caminho graças a quem?! – Isso é uma via pública!! – Não é não! Enquanto nós estivermos aqui, o caminho não é seu, velhota!!	Homem (meia-idade) x mulher (idosa)
-----	-------------------------------	-----	--	---	-------------------------------------

Na verdade, é provável que, por conta da carga negativa associada à velhice, mesmo a tradução como *velho(a)* – sem nenhum diminutivo carinhoso – já funcionasse em português. De qualquer maneira, esse é outro caso que, apesar de não se ter encontrado equivalente no corpus brasileiro, acredita-se ser possível ocorrer no cotidiano nacional com mais frequência até que no cotidiano japonês, uma vez que aqui não há tanto tabu em se ofender outrem quanto no Japão, onde ofensas podem ser razoavelmente comuns na ficção, mas não no dia a dia (BARNABÉ, 2005, p. 168).

Por fim, mais dois casos interessantes de uso dessas formas de tratamento no japonês:

70.	Samurai Deeper Kyō, n.2	122	Idosa fala de sua casa nas montanhas.	De forma alguma sairei desse lugar, onde há lembranças do *vovô.	Mulher idosa (esposa) x homem (falecido, marido) que seria idoso se vivo.
71.	Yamada Tarō, n.2	115	Avô de Takuya conversa com a falecida esposa sobre seus planos de acabar com amizade entre Tarō e Takuya.	*Avó, a partir de amanhã vou ser impiedoso e batalhar [contra Tarō].	Marido (homem idoso, já avô) x esposa (mulher, já falecida, que seria idosa se viva).

72.	Taketori Monogatari	4	Marido chama esposa para mostrar o que encontrara no bambuzal (uma criança).	– *Vovó, vovó! [...] Com certeza deus mandou essa criança para nós, que não tivemos nenhuma. – Que linda! Verdade... O *vovô sempre faz cestos de bambus, mas dessa vez os bambus fizeram uma criança pra gente.	homem idoso x mulher idosa (casados)
73.	Taketori Monogatari	11	Pai adotivo de Kaguya pede a ela que escolha um dos pretendentes para casar.	Aqueles cinco são pessoas sérias. A prova é que estão vindo aqui há tanto tempo... E então? Não dê mais preocupações para este *vovô aqui.	Pai adotivo (homem idoso) [#] x filha adotiva (adolescente)

Nos casos (70) e (71), vêm-se duas situações em que pessoas idosas, viúvas, se referem a seus falecidos cônjuges se utilizando de *avô(ó)* e, em (72) e (73), o mesmo caso com relação a um casal de idosos que chamam um ao outro dessa maneira. No caso do homem do exemplo (71), ele realmente tem netos e, portanto, o vocábulo *avô* se aplica a ele como *avó* se aplicaria à sua falecida esposa. Que ele a chamasse dessa forma, portanto, parece apenas uma extensão do fenômeno que costuma ocorrer com casais que, após terem filhos, passam a se chamar de *pai/mãe*²⁸.

No entanto, as personagens dos exemplos seguintes não são de fato avós de ninguém. A escolha por esse vocábulo parece ter sido baseada exclusivamente na idade do interlocutor e/ou na consciência da própria idade – já que, no caso (73), temos, na verdade, o pai (adotivo) de Kaguya chamando a si mesmo de *vovô* enquanto fala com a filha.

²⁸ Cf. seção 3.6, relativa ao uso dos vocábulos *pai* e *mãe* neste trabalho.

Como já comentado, na língua japonesa, o uso do nome do interlocutor dentro da frase (substituindo o pronome de 2ª pessoa)²⁹ e o uso de autorreferências, como em (73), são comuns – o que soa estranho em português. Na língua portuguesa, seria como o uso da palavra *degas* (e.g. “não dê trabalho para o degas aqui”). Por isso, em (73) não é possível determinar se o pai está se chamando de *vovô* por saber que é velho ou porque está falando com a filha, que é nova e sabe que ele é velho. Ou se pelos dois motivos.

De qualquer forma, o que parece claro é que em observação à *hierarquia* social e para garantir um *distanciamento respeitoso* ao referido, a idade do referido é, realmente, o fator mais importante a se considerar na língua japonesa na escolha da forma de tratamento, inclusive nos casos em que a pessoa já morreu – caso em que se deve considerar a idade que a pessoa teria se viva.

Uma exceção parece ser os casos em que esse tratamento é usado por casais, pois nessa situação não é razoável afirmar que esse uso crie *distanciamento* entre os interlocutores, nem que acrescente *formalidade* ao enunciado. Com certeza há o *respeito* pelo outro, não sendo, de forma alguma, um uso ofensivo, mas em se tratando de um tipo de relacionamento em que há *proximidade e intimidade*, os dois primeiros conceitos não caberiam.

3.5.3 Análise comparativa

O uso do vocábulo *avô(ó)* praticamente não foi registrado no corpus nacional. Menos do que acreditar que ele nunca ocorra, entretanto, acredita-se que esse uso seja cerceado pela visão negativa que existe quanto à velhice na sociedade brasileira.

Na sociedade japonesa, há uma visão oposta a essa sobre a velhice, o que permitiu que esse tratamento fosse muito utilizado, tanto como vocativo quanto de forma referencial. No Japão, ao chamar alguém de *avô(ó)*, o locutor garante *distanciamento* em relação ao ouvinte, demonstrando com isso reconhecimento da *hierarquia* social e *respeito* ao referido. Esse vocábulo também é usado entre pessoas casadas idosas, caso no qual se acredita não haver *distanciamento*, somente *respeito*.

²⁹ Por exemplo, como ocorre em (61): onde se lê “você, vovô”, no original aparece “Hokage-jiichan”.

Na língua portuguesa, é improvável esse último uso de *avô(ó)*. Para escapar de uma compreensão inevitavelmente errada do sentido original, então, nas traduções, preferimos marcar com um (*) esse tratamento nos casos de referência entre casais.

Há ainda um outro uso de *avô(ó)* em japonês, o qual, acredita-se, funcionaria bem em português: o uso das variantes ofensivas *jijii* e *babā* (aqui, *velhote* e *velhota*). Justamente pelo caráter negativo com que geralmente se vê a velhice no Brasil, essas últimas formas ganham sentido um pouco parecido ao daqui.

3.6 Pais

Nesta pesquisa, os vocábulos *pai* e *mãe* surgem fora do contexto normal apenas no corpus japonês. Ainda assim, algumas observações podem ser feitas sobre esse assunto no Brasil.

3.6.1 No português

Os vocábulos *pai* e *mãe* não ocorrem nem uma vez fora do ambiente familiar propriamente dito no corpus brasileiro. Todavia, concorda-se com Meyer³⁰ quando ela afirma haver situações em que esses usos podem ocorrer alargadamente.

A primeira situação é quando um casal com filhos refere-se um ao outro dessa forma (como vocativo) ou, numa outra situação, quando falam de si mesmos para os filhos (de forma autorreferencial). Ainda que seja possível pensar em resquícios da linguagem infantil (i.e. quando se ensina o bebê a falar), em casos assim, os conceitos em jogo parecem ser, respectivamente, o da *intimidade* e da *proximidade*³¹.

Além disso, acredita-se que, no caso de autorreferências, é possível também que os pais o façam (especialmente ao ralharem com os filhos) apelando para uma superioridade na *hierarquia* de poder no relacionamento pais/filhos – embora DaMatta (2004, p. 18) localize as mães abaixo dos filhos na estrutura da

³⁰ Comunicação pessoal.

³¹ Wierzbicka (1991, p. 105) rejeita a ideia de usar *intimidade* para o relacionamento entre pais e filhos.

*casa*³². Situações assim, ao invés de trazerem *proximidade*, se assemelham ao que parece ser o objetivo no uso de *meu filho* para repreender (cf. 3.4.1).

Há ainda um uso de *papai* que ocorre no Brasil e, sabidamente, também em inglês, a saber: em situações em que o falante (necessariamente homem) procura contar vantagem ou se gabar de algo para seus interlocutores, e.g. “o papai aqui não brinca em serviço”. Na verdade, esse uso quase sempre ocorre na forma sintagmática *o papai (aqui)* (PAPAI, 2007) e sempre se refere ao próprio falante, similarmente ao uso de *degas* – comentado acima junto ao exemplo (73). Esse uso não parece existir em japonês, nem, no caso do Brasil, ter um equivalente feminino.

Além disso, *papai*, nesse caso, por (tentar) marcar uma superioridade do falante perante o ouvinte pode ser considerado como uma tentativa de impor (momentaneamente) uma relação assimétrica entre os interagentes, isto é, impor uma *hierarquia* e, portanto, acaba gerando um distanciamento³³ entre ambos, similar ao discutido na subseção 3.4.1, referente ao segundo tipo de uso de *meu filho* em português.

3.6.2 No japonês

Da mesma maneira que era esperado em português, o uso de *pai* e *mãe* por casais está registrado no corpus japonês, também aparentemente em expressão de sua *intimidade*. Por exemplo, em (73), o casal Ikegami conversa e o pai chama a esposa de *mamãe*:

74.	Yamada Tarō, n.1	147	Sr. e Sr ^a . Ikegami conversam (seminus) na cozinha.	Uau, mamãe, tá sexy né?	Marido (meia-idade) x esposa (meia-idade)
-----	------------------	-----	---	-------------------------	---

Na verdade, a filha deles está perto e vê a cena, mas o homem fala como se não a visse ou não se importasse com sua presença, dirigindo-se claramente à esposa. Uma das informantes consultadas também confirma ser bastante comum entre os casais japoneses esse hábito, em especial até a década de 70, quando, inclusive, casais que se tratavam pelo nome eram tão raros que eram tidos como

³² Cf. comentários a esse respeito ao fim do item 2.3.4.1.

³³ É importante lembrar que esse tipo de distanciamento é um pouco diferente do que se vê na sociedade japonesa, na qual a distância provoca aumento do *respeito* entre as partes. Cf. o item 2.3.3.2.1 e também 3.4.1.

“chiques” pelos filhos. Isso talvez explique, em parte, a vergonha que a filha sente dos pais, após presenciar a cena acima.

No corpus japonês também surgiu o uso autorreferencial desses vocábulos de parentesco. Nos casos abaixo, as mães, quando falam de si próprias, não abandonam essa terminologia seja ao falarem com os filhos, seja em outros casos:

75.	Yamada Tarō, n.3	58	Mãe avisa aos filhos que vai voltar ao trabalho.	Bem, a mamãe vai voltar pro trabalho, ok?	Mãe [#] x filhos.
76.	Yamada Tarō, n.3	157	Mãe de Tarō, de cama, pensa consigo mesma.	Desculpem-me [crianças]. Se a mama fosse mais forte, não imporia tanto sofrimento [a vocês].	Mãe [#] x filhos (ausentes)
77.	Yamada Tarō, n.1	166	Sr. ^a Ikegami conversa com Tarō sobre sua filha (pensa que estão namorando), na frente da própria.	Então, cochicha aqui pra mamãe até onde vocês já avançaram?	Mãe [#] (mulher, meia-idade) x namorado da filha (homem, adolescente).

No exemplo (75) acima e, de certa forma em (76) também, há um caso clássico de mãe falando com os filhos pequenos, num uso que pode ser entendido como confirmando a *proximidade* do relacionamento – uso este que também se acredita ser corriqueiro no Brasil, apesar de não se ter encontrado exemplos nas fontes pesquisadas.

Os casos (75) e (76) são bastante interessantes psicologicamente por mostrarem a total submersão das duas mulheres em seu papel de mãe: elas fazem referência a si mesmas nesse sentido mesmo estando, uma, sozinha e, a outra, falando com uma pessoa que acabara de conhecer – embora ambas estejam falando “com” ou sobre os filhos.

No caso (76), contudo, há uma outra interpretação possível. Um terceiro uso de *pai* e *mãe* no corpus japonês, e que Meyer³⁴ atesta ser hábito também nos Estados Unidos, é quando feito por noras e genros. Ou seja, em (76), a Sr.^a Ikegami poderia estar se autorreferindo como *mamãe* porque, na verdade, sabe

³⁴ Comunicação pessoal.

que, como (suposto) namorado de sua filha, essa é a forma como Tarō deveria chamá-la. Há um exemplo mais claro desse uso em (77), abaixo, no qual a nora chama seu sogro de *pai*:

78.	Yamada Tarō, n.2	107	O avô de Takuya estranha Tarō (disfarçado de mulher). A mãe de Takuya, então, consola Tarō e ralha com sogro por ofender o rapaz.	– Tem certeza que você é mulher? – Pai!	Nora x sogro
-----	---------------------	-----	---	--	--------------

O caso do uso com sogros de *pai/mãe* parece apontar simultaneamente para a *proximidade* da relação, mas também para a reafirmação da *hierarquia* social e familiar, ao estender o respeito que se tem pelos pais aos sogros – afinal, como discutido em 2.4.2 – as regras da *casa* e da *rua* são as mesmas no Japão.

3.6.3 Análise comparativa

Pai e *mãe* não estão registrados no corpus brasileiro, mas acredita-se que esse uso exista de três maneiras no Brasil: (a) utilizado por casais (com filhos) para se referirem um ao outro; (b) utilizado por pais para se referirem a si mesmos quando falando com os filhos; e (c) na expressão *o papai (aqui)*, usada por homens para se vangloriar de algo. Este último uso, por (tentar) marcar superioridade do falante frente a seu ouvinte, pode ser considerado como uma tentativa de impor (ainda que temporariamente) uma situação de *hierarquia* e, portanto, acaba impondo um distanciamento³⁵ entre ambos.

O primeiro tipo de uso, por mais que não seja generalizado, pode ser considerado comum no Brasil e ocorre possivelmente para reforço da *intimidade* do casal, celebrando continuamente esse passo (i.e. a paternidade) em seu relacionamento. Outra hipótese seria este uso por resquício da linguagem infantil empregada por adultos para ensinar aos bebês como chamar os pais.

No caso do uso (b), também se pode supor que seja resquício da linguagem infantil para promover *proximidade* entre pais e filhos ou, dependendo do contexto, uma maneira de reafirmar para os filhos a *hierarquia* entre as partes – na

³⁵ Cf. nota 33.

qual pais naturalmente têm mais poder – à semelhança do que se viu na subseção sobre o uso da expressão *meu filho*³⁶.

No japonês, existe exatamente o mesmo tipo de uso (a) e (b). Além desses, existe também uma extensão das categorias *pai/mãe* para sogro(a)s, similarmente ao que ocorre nos EUA.

No caso dos primeiros usos, acredita-se que seja como no Brasil: em (a) indica *intimidade* e, em (b), *proximidade* (e, possivelmente, *distanciamento*, dependendo do contexto). O terceiro caso japonês, por sua vez, marca a *proximidade* da relação, sem romper com a *hierarquia* social e familiar.

3.7 Cônjuges

Ao começar esta pesquisa, não se esperava que esta categoria pudesse surgir, porém registra-se uma ocorrência dela no corpus japonês.

3.7.1 No português

Em português, não é comum chamar de *esposo(a)*, *marido* ou *mulher* (como sinônimo de *esposa*) alguém com quem não se tem tal relacionamento. Na verdade, os vocábulos *marido* e *esposo(a)* sequer costumam ser usados como vocativo em português, e sim de forma referencial, por exemplo, ao apresentar-se a pessoa: “Esse é meu marido”.

A exceção seria o vocábulo *mulher* que, às vezes, é usado como forma de tratamento pelo marido – e apenas por ele – no contexto familiar, e.g. “Mulher, você viu onde deixei os óculos?” Sendo um tratamento exclusivamente do marido, parece claro que reforça a *intimidade* do casal.

3.7.2 No japonês

Em mais um caso que soa estranho em português, então, no corpus japonês há uma cena com a palavra *esposa*. Esse tratamento é escolhido, segundo os informantes consultados, para somar *formalidade* ao enunciado:

79.	Yamada Tarō, n.1	21	Entregador de uma loja chega trazendo mercadoria da Sr ^a . Yamada.	Posso colocar aqui, *esposa?	Homem (adulto), funcionário de loja x mulher (adulto), cliente. Desconhecidos.
-----	------------------	----	---	------------------------------	--

³⁶ Aqui também se poderia perceber um “distanciamento à brasileira”, portanto. Cf. a nota 33 acima.

Na cena (78), vê-se como o entregador trata a cliente por *esposa*. Mais uma vez, considera-se que nesse caso uma tradução literal não seja razoável – motivo para se ter marcado com (*) o tratamento. No Brasil, uma opção melhor seria *senhora* ou *madame*, este último bastante utilizado no Rio de Janeiro, por exemplo, em situações similares.

Para um brasileiro incauto, esse uso poderia soar como se o entregador estivesse tentando estreitar os laços com sua cliente (na questão *casa vs. rua*), mas aqui mais do em qualquer situação isso é altamente improvável. De fato, um dos os informantes afirma ser justamente o contrário: ao chamar alguém de *esposa* – ou ao chamar um homem de *marido* (situação da qual, contudo, não se tem exemplos no corpus) – o funcionário dá mais *formalidade* à sua fala.

Sendo um relacionamento de negócios (loja *vs.* cliente), em que há, portanto, uma *hierarquia* bem marcada entre quem serve e quem é servido, o uso de uma linguagem formal e polida se faz essencial, conforme discutido no item 2.3.3.4. Pelo uso desse vocábulo, então, é possível criar *distanciamento* entre as partes, reforçando a ideia de *respeito*.

3.7.3 Análise comparativa

Em português não ocorre normalmente o uso alargado de vocábulos referentes a um dos cônjuges.

Em japonês, quando tais vocábulos são empregados, o falante reforça o *distanciamento* entre ele e o referido, pois tal tratamento carrega grande *formalidade* e respeito à *hierarquia* na situação.

3.8 Netos

O uso de *neto* é encontrado apenas uma vez e no corpus japonês.

3.8.1 No português

Considera-se que, não tendo surgido nenhuma vez no corpus brasileiro e nem havendo exemplos conhecidos fora dele, é seguro concluir que o vocábulo *neto(a)* não é usado em português como forma de tratamento para se referir a pessoas que não o filho de seu filho.

3.8.2 No japonês

Por mais que haja vários exemplos do uso de *avô(ó)* no corpus japonês, a sua contraparte *neto(a)* não parece ser usual. Na verdade, encontra-se apenas um

caso do uso dessa palavra fora do ambiente familiar em japonês e numa situação bastante excepcional, para cuja análise conta-se com os conceitos de *giri* e *on* (cf. item 2.3.3.3):

80.	Naruto, n.1	65	Tutor de Kono-ha-maru pergunta se ele está bem, após cair no chão.	T-tudo bem com você, *honorável neto!?!	Tutor (homem, adulto) x pupilo (homem, criança), neto do chefe de estado local.
-----	-------------	----	--	---	---

Como se vê, o tutor chama seu pupilo de *neto* (que por si só seria *magô*) e, mais que isso, usa esta palavra em sua forma deferencial *omago-sama*, que traduzimos como *honorável neto*.

A princípio é possível pensar que, se, pelo menos, o tutor fosse um homem idoso, chamar uma criança de *neto* faria sentido, porém esse tipo de correspondência não foi registrado nos casos de diálogo entre crianças e idosos anteriormente analisados.

Mais do que isso, o que parece motivar a escolha por *neto* é outro fator, a saber, o fato de Kono-ha-maru ser neto de uma figura importante, isto é, o chefe de Estado local. Este é um caso, então, em que menos do que pela idade, a forma de tratamento é definida pelo contexto social. Poder-se-ia dizer que *neto* aqui é quase como um título³⁷. Pelo uso de *neto* nesse exemplo, o tutor ressalta a linhagem de Kono-ha-maru, demonstrando, ao mesmo tempo, deferência a ele e à sua família.

Wierzbicka (1997, p. 254-269), analisando alguns conceitos-chave da cultura japonesa, ressalta a importância das palavras *giri* e *on*, as quais estabelecem relações de dívida, respeito e subserviência dentro da *hierarquia* social japonesa (cf. 2.3.3.3). Como o avô de Kono-ha-maru é não apenas o chefe local, mas também um herói, uma espécie de lenda viva do país, percebe-se que o tutor (assim como todos os habitantes do país) deve carregar os sentimentos de *giri* e *on* com relação a ele. Dessa forma, também faz sentido que, para evitar ofensas ao avô, o neto seja tratado com grande deferência.

³⁷ Situação similar, por exemplo, à da *rainha-mãe*, título atribuído à mãe de quem ocupa o trono de um reino (RAINHA-MÃE, 2007). A rainha-mãe da Grã-Bretanha, por exemplo, é a mãe da Rainha Elisabete II, mas não foi chefe de Estado antes dela.

3.8.3 Análise comparativa

Dada a escassez de exemplos de *neto(a)* em ambos os corpora, acredita-se que essa palavra não costuma ser usada fora do contexto familiar. De fato, o único exemplo existente é um caso bastante específico em que *neto* é empregado para destacar a linhagem de um personagem e reiterar os sentimentos de *giri* e *on* do falante perante o avô do referido.

Como *neto* também não surgiu em nenhum dos corpora, supõe-se que seu uso não ocorra no Brasil e, em japonês, só se faria num caso similar ao acima, ou seja, por necessidade, não sendo nenhum desses dois vocábulos utilizado de forma alargada normalmente.

3.9 Conclusões parciais

Neste capítulo, apresentam-se os vocábulos de parentesco utilizados para se referir a pessoas que não são de fato detentoras do título empregado e faz-se a análise de seu uso como forma de tratamento dentro cada situação, tentando compreender seu uso em cada sociedade em separado e também comparativamente.

De todos os vocábulos, os que são mais utilizados como formas de tratamento são, em ordem decrescente de frequência: *tio(a)*, *filho(a)* e *irmã(o)* no Brasil; e, no Japão, *irmã(o)*, *avô(ó)*, *filho(a)* e *tio(a)*.

Além desses quatro pares, ainda há exemplos de *pai* e *mãe* no contexto japonês, mas acredita-se que esse uso também ocorra no Brasil, embora não tenha surgido no corpus. Da mesma forma, encontra-se, no corpus nipônico, o uso de *esposa*, o qual se crê ser comum, inclusive em sua contraparte (*marido*), mas cuja ocorrência no corpus se limitou a um exemplo. Por fim, comenta-se sobre uma ocorrência excepcional de *neto*, também no corpus japonês.

Para tentar esclarecer, então, a análise dos diversos vocábulos acima, propõe-se o quadro abaixo, resumindo comparativamente todas as observações. Note-se que estão assinalados como *frequentes* os usos encontrados em quantidade maior que um nos corpora; como *comum* os usos que ocorrem apenas uma vez, mas que se conclui ocorrerem no dia a dia; como *raro* os usos que aparecem apenas uma vez nos corpora sem indicação de ocorrerem com

frequência cotidianamente; e como *não é usado* os casos em que não há indicações de ocorrerem em absoluto na sociedade.

Vocábulo em português	Uso no Brasil	Vocábulo em japonês	Uso no Japão
Avô & avó	Raro. Pode ser (mal) interpretado como ofensivo. ❖ Forma similar <i>velhinho(a)</i> : uso apenas referencial.	Ojii-san & obā-san	Frequente. a) Para quaisquer pessoas idosas: traz distanciamento e respeito; b) Para cônjuge (falecido ou não) idoso: intimidade. • Formas variantes <i>jijii</i> e <i>babā</i> : ofensivas.
Tio & tia	Frequente. a) Crianças/jovens → pessoas próximas mais velhas: proximidade. b) Crianças/jovens → para desconhecidos de/com quem se precisa falar: proximidade.	Oji-san & oba-san	Frequente. a) Para quaisquer pessoas acima de 30 anos: traz distanciamento e respeito. • Formas <i>ossan</i> e <i>occhan</i> : informalidade e (potencialmente) rude.
Irmão & irmã	Frequente. a) Para velhos/melhores amigos: proximidade. b) Para estranhos ³⁸ : tentativa de gerar proximidade (rua → casa). • Uso restrito a homens em certos grupos sociais. • Diversas variantes.	Onii-san & onē-san	Frequente. a) Para quaisquer pessoas até 30 anos: traz algum distanciamento e certo respeito.

³⁸ Conforme discutido, esta forma não foi encontrada no corpus, logo o uso aqui descrito está de acordo com as informações obtidas durante a pesquisa e hipóteses levantadas ao longo deste capítulo.

Vocábulo em português	Uso no Brasil	Vocábulo em japonês	Uso no Japão
Filho & filha	<p>Frequente.</p> <p>a) Adultos → crianças ou jovens próximos: proximidade.</p> <p>b) Para repreender alguém: impõe hierarquia (temporária).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Comumente acompanhado de <i>meu/minha</i>. • Sempre é vocativo 	Musuko-san & musume-san	<p>Frequente.</p> <p>Para pessoas mais novas (até 20 anos) em forma referencial: uso restrito.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Forma <i>komusume</i>: ofensiva. • Forma <i>ojō-san</i>: traz distanciamento e muito respeito.
Pai & mãe	<p>Comum.³⁹</p> <p>a) Para cônjuge (quando há filho): intimidade.</p> <p>b) Para si mesmo (quando há filho): distanciamento (hierarquia pai/filho) ou proximidade.</p> <p>c) Expressão <i>o papai</i> → uso restrito a homens: impõe hierarquia (temporária).</p>	Otō-san & Okā-san	<p>Comum.</p> <p>a) Para cônjuge (quando há filho): intimidade.</p> <p>b) Para si mesmo (quando há filho): distanciamento (hierarquia pai/filho) ou proximidade.</p> <p>c) Para sogro(a): proximidade e respeito.</p>
Cônjuges	<p>Não é usado.</p> <ul style="list-style-type: none"> ❖ O vocábulo <i>mulher</i> é usado como vocativo exclusivamente pelo marido. 	Goshudin & oku-san	<p>Comum.</p> <p>a) Para pessoa casada: formalidade, distanciamento e muito respeito.</p>
Neto & neta	Não é usado.	Omago-san	<p>Raro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Reafirma ascendência: <i>giri</i> e <i>on</i>, distanciamento e muito respeito.

³⁹ Cf. nota 38 acima.